

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA E ARTES VISUAIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

FELIPE FIGUERAS DABLE

**MÚSICA E ADOLESCÊNCIA:
Um estudo sobre as preferências musicais de adolescentes em situação de
conflito com a lei**

**CURITIBA
2012**

FELIPE FIGUERAS DABLE

**MÚSICA E ADOLESCÊNCIA:
Um estudo sobre as preferências musicais de adolescentes em situação de
conflito com a lei**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Música – UFPR, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Educação
Musical/Cognição.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosane Cardoso de Araujo

**CURITIBA
2012**

DEDICATÓRIA

ॐ नमो भगवते वासुदेवाय

Ôm Namô Bragavate Vasudevaya

AGRADECIMENTOS

À UFPR e à CAPES por viabilizarem a estrutura e o financiamento do PPG de Música e esta pesquisa;

À Professora Rosane Cardoso de Araújo por ter me acompanhado e orientado nesta trajetória;

À Professora Beatriz Ilari por ter acreditado no meu projeto, mesmo antes do meu ingresso no mestrado;

Aos funcionários da FASE por me receberem com tanta segurança e prontidão;

Aos colegas Wilson Dittrich Filho e Lilian Gonçalves, por todos os momentos de troca e aprendizado;

Ao parceiro Juliano Almeida, pelas contribuições gráficas;

À Luciele Comunello por revisar inúmeras vezes o meu pré-projeto;

Aos queridos amigos Isabel Camargo e Jefferson “Maninho” Melo, pelo apoio e ajuda nas primeiras tentativas de aplicação do projeto;

Aos professores Marcos Adegas de Azambuja e Valéria Lüders pelas valiosas contribuições;

Aos meus irmãos, Luciano, Guilherme e Marcos por toda ajuda e apoio incondicional;

Aos meus pais por acreditarem sempre em mim;

A minha amada esposa Débora Claudio pelo apoio e paciência

*"Sem música, a vida seria um erro."
Nietzsche*

RESUMO

Muitas aproximações são feitas entre música e adolescência, principalmente sobre a influência que ela exerce na vida dos jovens. O rock e os demais gêneros musicais deste derivados costumam ser apontados como uma influência negativa para o comportamento de seus apreciadores. Esta pesquisa buscou levantar as preferências musicais de adolescentes do sexo masculino, em situação de conflito com a lei (n=66), da cidade de Porto Alegre, para verificar a relação que estes jovens têm com a música, bem como averiguar a veracidade do estereótipo de fãs de rock e seus derivados. A metodologia utilizada foi de survey interseccional e os instrumentos de coleta de dados a Escala de Preferências Musicais e um questionário sociodemográfico. Os resultados foram relacionados com pesquisas sobre preferências musicais e adolescência a fim de investigar possíveis aproximações. Os dados coletados evidenciaram que os adolescentes em situação de conflito com a lei apresentam preferências musicais plurais, tal qual os jovens que não se encontram na mesma situação jurídica. Muito mais que uma determinante de comportamento, as preferências musicais estão diretamente relacionadas ao meio sociocultural.

Palavras chave: Adolescência; Conflito com a lei; Preferências musicais

ABSTRACT

Many approximations are made between music and adolescence, especially the influence that the music exerts on the lives of adolescents. The rock and other musical genres derived from this often cited as a negative influence on the behavior of the audience. This research sought to raise the musical preferences of male adolescents in conflict with the law (n = 66), the city of Porto Alegre, to check the relationship that these people have with the music, as well as ascertain the veracity of stereotype of rock fans and their derivatives. The methodology was an intersectional survey and the data collection instruments used were Musical Preference Scale and a sociodemographic questionnaire. The results were related to research on music preferences and adolescence in order to investigate possible approaches. The data collected showed that adolescents in conflict with the law have a plural musical preferences, like other people who are not in the same legal situation. Much more than a determinant of behavior, the musical preferences are directly related to the socio-cultural environment.

Keywords: Adolescence; Conflict with the law; Musical preferences

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: IDADES DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	47
GRÁFICO 2: ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	48
GRÁFICO 3 PREFÊRENCIAS MUSICAIS.....	54
GRÁFICO 4 GÊNERO PREFERIDO.....	56
GRÁFICO 5 AVALIAÇÃO PAGODE	58
GRÁFICO 6 AVALIAÇÃO RAP/HIP-HOP	58
GRÁFICO 7 AVALIAÇÃO RAP/HIP-HOP BR	59
GRÁFICO 8 AVALIAÇÃO FUNK CARIOCA	60
GRÁFICO 9 AVALIAÇÃO SERT. / GRÁFICO 10 AVALIAÇÃO SERT. UNIV.	60
GRÁFICO 11 AVALIAÇÃO HEAVY METAL	61
GRÁFICO 12 AVALIAÇÃO PUNK/HARD CORE	61
GRÁFICO 13 AVALIAÇÃO ROCK / GRÁFICO 14 AVALIAÇÃO ROCK BR.....	62
GRÁFICO 15 AVALIAÇÃO ROCK N' ROLL	62
GRÁFICO 16 AVALIAÇÃO REGGAE	63
GRÁFICO 17 AVALIAÇÃO FORRÓ / GRÁFICO 18: AVALIAÇÃO SAMBA.....	64
GRÁFICO 19 AVALIAÇÃO AXÉ.....	64
GRÁFICO 20: AVALIAÇÃO MÚSICA ELETRÔNICA	64
GRÁFICO 21 AVALIAÇÃO MÚSICA CLÁSSICA.....	65
GRÁFICO 22 AVALIAÇÃO MÚSICA RELIGIOSA.....	65
GRÁFICO 23 AVALIAÇÃO MPB	65
GRÁFICO 24 JAZZ / GRÁFICO 25 BLUES / GRÁFICO 26 BOSSA NOVA.....	66
GRÁFICO 27 AVALIAÇÃO POP ROCK / GRÁFICO 28 AVALIAÇÃO POP MUSIC.	66
GRÁFICO 29 AVALIAÇÃO TRILHAS.....	67
GRÁFICO 30 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A NÃO CONHEÇO	68

GRÁFICO 31 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A DETESTO	68
GRÁFICO 32 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A NÃO GOSTO	69
GRÁFICO 33 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A MAIS OU MENOS	69
GRÁFICO 34 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A GOSTO	70
GRÁFICO 35 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A GOSTO MUITO.....	70
GRÁFICO 36 QUANTAS HORAS VOCÊ ESCUTA DE MÚSICA POR DIA?.....	71
GRÁFICO 37 VOCÊ CONSIDERA QUE A MÚSICA INFLUENCIA A SUA VIDA? ...	72
GRÁFICO 38 CRUZAMENTO DAS RESPOSTAS DE GÊNERO PREFERIDO X INFLUÊNCIA DA MÚSICA.....	73
GRÁFICO 39 GÊNERO PREFERIDO: RAP - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA.....	74
GRÁFICO 40 GÊNERO PREFERIDO: FUNK - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA	74
GRÁFICO 41 GÊNERO PREFERIDO: PAGODE - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA	75
GRÁFICO 42 GÊNERO PREFERIDO: SERTANEJO UNIVERSITÁRIO - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA	75
GRÁFICO 43: GÊNERO PREFERIDO: REGGAE - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA	76
GRÁFICO 44 GÊNERO PREFERIDO: GOSPEL - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA	76
GRÁFICO 45 GÊNERO PREFERIDO: CHARME - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ADOLESCÊNCIA	18
2.1 ADOLESCÊNCIA E COMPORTAMENTO	22
2.2 ADOLESCÊNCIA E CONFLITO COM A LEI	24
2.3 ADOLESCÊNCIA, LEI E INSTITUIÇÃO	27
3 ADOLESCÊNCIA E MÚSICA	32
3.1 A INFLUÊNCIA DA MÚSICA	33
3.2 OS ESTEREÓTIPOS MUSICAIS	37
3.3 AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS.....	41
4 METODOLOGIA.....	46
4.1 MÉTODO	46
4.2 PARTICIPANTES	46
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	48
4.4 ESTUDO PILOTO	50
4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	50
4.5.1 Primeiro dia.....	51
4.5.2 Segundo dia.....	52
4.5.3 Terceiro dia	52
4.5.4 Quarto dia	53
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	54
5.1 PREFERÊNCIAS MUSICAIS.....	54
5.2 OS GÊNEROS MUSICAIS.....	57
5.3 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS.....	67
5.4 RELAÇÕES COM A MÚSICA.....	70

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
7. REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE 1	91
ANEXO 1	97

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada um período muito peculiar do desenvolvimento humano. Termos como “aborrescente” ou “aborrescência” são popularmente utilizados para nomear os jovens que atravessam o período que se inicia com o término da puberdade. É uma fase paradoxal, onde o jovem é enaltecido por ter amadurecido e também criticado e estigmatizado como problemático (CIRQUEIRA, 2007). Para Refosco et al. (2012), o adolescente não se trata mais de alguém incapaz, mas sim de um sujeito apto a refletir e sentir, levando em conta a singularidade desta etapa da vida.

Becker (1997) propõe que olhemos a adolescência como “a passagem de uma atitude de simples espectador para uma outra ativa, questionadora. Que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação” (p. 10).

Já para Bock (2004), a adolescência foi criada pelo homem. Construída como fato social e como significado, a adolescência torna-se uma possibilidade para os jovens (e para os não-jovens), uma forma de identidade social. A autora ainda reforça do período como uma construção social e não como um período natural do desenvolvimento que se estabelece entre a infância e a idade adulta. Acrescenta que associado ao desenvolvimento físico encontram-se significações e interpretações determinadas pelo social.

Becker (1997), ainda ressalta que:

Apesar do conceito de adolescência como ele é hoje conhecido ter surgido em torno do início do século, a questão do jovem como problema existe há muito tempo e acompanha a evolução da civilização ocidental (...) na visão do adulto o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito. (BECKER 1997 p. 8)

A realidade socioeconômica também é considerada um fator determinante na interpretação deste período. Segundo Volpi (2007), os adolescentes provenientes de classes menos favorecidas são muitas vezes levados a pular a etapa da adolescência, pois devem assumir responsabilidades de adultos tornando-se responsável muitas vezes pelo sustento da família.

Pesquisadores que entendem a adolescência numa perspectiva desenvolvimentista, como Teixeira (2011), ressaltam que é uma etapa pela interferência de valores culturais, tempo histórico e circunstâncias objetivas de vida que produzem modos de ser e estar no mundo, além de ser definida como uma

transição a vida adulta. Para pesquisadores mais tradicionais, como Aberastury & Knobel (1992), o período da adolescência constitui um momento de grandes transformações. Desequilíbrio e instabilidade emocional são constantes no comportamento.

Dentre os possíveis problemas da adolescência, a violência é um dos mais alarmantes. Segundo Macedo (2004, p.119), “é legítimo afirmar que podem ser registradas situações de crise, expressas através de conflitos, contradições, angústias, violência e até, comportamentos autodestrutivos” durante esta etapa do desenvolvimento. Na maioria das vezes, estas atitudes instáveis não chegam a representar uma ameaça ao bem estar social. Para Papalia & Olds (2000), alguns adolescentes apresentam conduta antissocial isolada ou ocasional. Todavia, estes atos não caracterizam todo adolescente como delinquente.

Porém, é crescente o número de crimes cometidos por jovens no Brasil. Para Adorno (2010), desde que a violência e o crime se tornaram questão pública, são frequentes as imagens e representações, veiculadas pela mídia, que associam ser jovem a ser violento. A imagem do ser jovem no Brasil aparece cada vez mais a uma ideia de ameaça social.

É como se houvesse uma espécie de aderência natural entre ambos os termos desta equação. Ser jovem aparece como uma ameaça, como uma espécie de radicalidade incontornável, um limite epistemológico à vida razoável, seja lá o que isso possa ou venha significar. (ADORNO, 2010, p.1)

Outra característica marcante deste período é a relação entre a música e o adolescente. Pereira (2010, p.10) comenta que “eles estão em constante contato com a música”. Esta aproximação estabelece uma importante influência na vida e no comportamento dos jovens. “A música é, sem dúvida, um dos mais comuns modos de expressão entre os jovens” (RENTFROW ET AL, 2009, p.329). É através das suas preferências musicais que revelam suas opiniões, valores e estilo de vida (RENTFROW & GOSLING, 2003). Apesar de extremamente subjetiva, para Quirós & Julian (2003), o gosto musical e os julgamentos culturais são autorreveladores e detém a capacidade de explicitar a identidade do jovem.

Música e violência são temáticas pertencentes ao universo adolescente. Diversas escolas do conhecimento (Música, Psicologia, Antropologia, Sociologia) dedicam-se à possíveis aproximações destes temas. Todavia, pesquisas desenvolvidas no âmbito da adolescência, música e violência são muito raras no Brasil. Dentre os interesses de estudo da Psicologia, as relações entre música e

comportamento ainda estão dando passos muito lentos (PIMENTEL, 2005). O material que existe disponível para análise, em sua maioria, provém dos Estados Unidos, onde, da mesma forma, os estudos que relacionam música e personalidade ainda são muito escassos (RENTFROW & GOSLING, 2003).

Grande parte dessas pesquisas apontam para a influência negativa que a música pode ter no desenvolvimento e atitudes dos adolescentes (ver St. Lawrence & Joyner; Brown & Hendee, 1989; Dent et al., 1992; McNamara & Ballard, 1999; Anderson, Carnagey & Eubanks, 2003; Roberts, Christenson & Gentile, 2003; Pimentel, 2004; 2005; 2008 ; Rentfrow & Gosling, 2003; 2006; 2007; 2009; Adorno, 2010). Para chegar neste resultado, são aplicados questionários, escalas e testes psicológicos que buscam medir e classificar a personalidade, o comportamento e as preferências musicais dos jovens participantes.

Todavia, nenhuma destas pesquisas investigou participantes com algum histórico de desavença com a lei. Os resultados sugerem que tendência à agressividade e apreço por temáticas violentas estão relacionados à preferência musical por heavy metal, rock e suas variantes. McNamara & Ballard (1999, p.231) mencionam que “a influência da música rock no comportamento tem sido assunto de debate desde seu início”. O rock e suas variantes, principalmente o rap/hip-hop, o heavy metal e o punk rock, costumam ser criticados e relacionados à temática da violência desde o seu surgimento e essa aproximação entre o rock e a violência contribuiu para a criação de um estereótipo, onde o rock é subjugado como um produto ou causa de violência.

Desta forma, surgiu a ideia de realizar uma investigação que relacionasse música e adolescentes em situação de conflito com a lei. O objetivo geral desta pesquisa, portanto, é investigar quais as preferências musicais de adolescentes privados de liberdade em situação de desavença com a lei. Objetivou-se também relacionar suas preferências musicais com os resultados apresentados de estudos anteriores sobre preferências musicais e adolescentes, bem como verificar a relação da música no cotidiano dos adolescentes estudados e a veracidade do estereótipo de fãs de rock e seus derivados.

Como delimitação do estudo, os adolescentes estudados foram todos do sexo masculino. Quanto a localidade, a pesquisa foi realizada em uma unidade de aplicação de medida sócioeducativa na cidade de Porto Alegre que abriga apenas adolescentes do sexo masculino e da região metropolitana da capital gaúcha.

A metodologia escolhida para a realização deste estudo foi o método survey (levantamento de dados). Para Cozby (2009), a pesquisa de levantamento tem o objetivo de coletar dados sobre as pessoas, solicitando que elas falem sobre si mesmas, o que possibilita levantar informações sobre o comportamento passado da população pesquisada. “O fato de o formato survey permitir a elaboração clara e rigorosa de um modelo lógico clarifica o sistema determinístico de causa e efeito (BABBIE, 2003. p.85).” Dentre as possibilidades de configuração de uma pesquisa de levantamento de dados, o delineamento estabelecido foi o de survey interseccional. Neste desenho de survey, são coletados dados em um universo de participantes selecionados para descrever alguma população maior na mesma situação.

Segundo Santos (2007), não é difícil encontrar evidências do grande valor que a música tem para as pessoas. A dificuldade está em explicar por que as pessoas gostam de ouvir música, pois não há uma razão única ou principal, e as motivações envolvidas nessa relação são bastante complexas.

Os significados atribuídos à música na relação de audição podem estar vinculados a diferentes aspectos: a própria música, sentimentos e emoções, lembranças, imaginação, diferentes tipos de situações relacionados a subjetivos estados de espírito. (SANTOS, 2007, p.8)

Deste modo, o trabalho dos pesquisadores converge para "o desejo de compreender os diversos processos mentais que regem as mais variadas atividades musicais humanas, incluindo suas influências externas e internas." (ILARI, 2006, p.11 – 12).

A fim de responder aos objetivos propostos, participaram da pesquisa, adolescentes internos de uma instituição de detenção da Região Sul do Brasil. Obrigatoriamente, estes jovens devem estar cumprindo alguma medida socioeducativa, seja em regime fechado ou de semiliberdade.

Destarte, este trabalho busca contribuir para as discussões a respeito da música na adolescência, tanto para a área da Música como da Psicologia. Para tanto, o primeiro capítulo apresenta uma revisão sobre a adolescência, contemplando suas características, o comportamento adolescentes, as peculiaridades dos que se encontram em situação de conflito com a lei e suas decorrências jurídicas e institucionais. No segundo capítulo, as relações da música no contexto adolescente, além de estudos que discutem a influência da música na vida dos jovens, bem como suas preferências musicais e os estereótipos dos

apreciadores de gêneros musicais da cultura jovem. A metodologia e os procedimentos da pesquisa estão descritos no terceiro capítulo e, no capítulo quatro, a apresentação e análise dos resultados coletados. Por fim, nas considerações finais implicações dos resultados para as áreas de principal interesse do estudo: Cognição Musical, Educação Musical e Psicologia da Música.

2 ADOLESCÊNCIA

A primeira obra que trouxe a adolescência como foco de estudo foi publicada em 1904, por Stanley Hall. Segundo Gallantini (1978), Hall entendia a adolescência como um período de “tempestade” e “tormenta”. O chamado “pai da psicologia da adolescência” considerava-a uma etapa crítica do desenvolvimento por “corresponder ao momento da evolução da espécie humana que supunha a passagem da selvageria para o mundo civilizado” (HALL apud GALLANTINI, 1978, p.25). Concebia a adolescência como um período de turbulência e instabilidade emocional em função do surgimento da sexualidade e das demandas feitas pela sociedade.

Chamamos de adolescência a um período psicossociológico que se prolonga por vários anos e se caracteriza pela transição entre a infância e a idade adulta. É um fenômeno recente e com interpretações por vezes controversas. Desde o seu surgimento não houve um entendimento coeso nem entre teóricos e estudiosos do assunto, nem sobre sua definição propriamente dita.

Não se pode dizer que desde que a adolescência começou a ser considerada um objeto de estudo tenha havido uma concepção unitária e homogênea sobre seu sentido e significado psicológico (PALÁCIOS & OLIVA, 2004, p. 311).

A adolescência muitas vezes é confundida com juventude. Segundo Moura (2009), não é possível definir com precisão os conceitos de adolescência e juventude, “tendo em vista que eles refletem um momento de mudanças cronológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (p.21)”. Para o autor, existem muitas dúvidas de qual seria a melhor nomenclatura para definir o período que se estende depois da infância e antes da vida adulta.

Há muita controvérsia na literatura quando o assunto é a definição de um período relativo à juventude e adolescência. Geralmente, os psicólogos tendem a usar o conceito de adolescência enquanto os sociólogos e antropólogos fazem uso do conceito juventude (MOURA, 2009, p.21).

A adolescência e a juventude, hoje, constituem-se em objeto de estudo para muitas áreas do conhecimento: a Economia, a Política, a Medicina, a Sociologia, a Criminologia, a Antropologia, a Psicologia e a Música (TEIXEIRA, 2011). Cada uma delas, a partir de suas peculiaridades e interesses investigativos, vai debruçar-se sob diferentes aspectos deste fenômeno.

E, sem dúvida, a abordagem transdisciplinar se afigura como horizonte necessário para dirigir o esforço de compreender esta etapa paradoxal da vida humana considerada, desde os primeiros estudos – no século XIX – como problemática e, ao mesmo tempo, na contemporaneidade, como ideal de beleza e potência a ser seguido por todos (TEIXEIRA, 2011, p.240).

A socióloga Regina Novaes (2007) comenta que a idade cronológica, assim como as expectativas que cada sociedade atribui aos jovens é variável. Cada cultura apresenta o seu contexto do que é ser jovem. O que é de comum acordo é considerar essa etapa do desenvolvimento, seja ela adolescência ou juventude, um período de intensas mudanças e de transição para a vida adulta como define Novaes (2006): a juventude é “um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro” (p.3), “uma etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação na vida adulta” (NOVAES, 2007, p.19).

Segundo Coimbra (2005), “a noção de adolescência emerge vinculada à lógica desenvolvimentista, sendo uma etapa do desenvolvimento que todos passariam obrigatório e similarmente”. Para a autora, existe um exagero determinista no entendimento do fenômeno: “a adolescência surge como um objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e biologizantes” (COIMBRA, 2005). Atributos atrelados às mudanças que surgem nesse período, diretamente relacionadas à chegada da puberdade e às suas consequências, bem como aos processos e a necessidade de construção de uma nova identidade e reconhecimento de uma nova autoimagem. O termo adolescência priva o sujeito de um entendimento mais amplo, ficando aprisionado numa perspectiva desenvolvimentista. Aponta para a carência de um olhar plural “atravessado por fluxos, devires, multiplicidades e diferenças” (COIMBRA, 2005).

Segundo Airès (1986), o conceito de adolescência é apresentado no final do século XVIII, mas não se difunde antes do século XX. As crianças eram introduzidas no mundo do trabalho aproximadamente aos sete anos; poucas estudavam ou permaneciam pouco tempo vinculadas aos estudos, onde também não estavam separadas por faixa etária.

Palácios & Oliva (2004) reforçam a visão da adolescência enquanto produto do século XX. Até o final do século XIX, uma minoria da população entre 13 e 20 anos frequentava a escola. A grande maioria começava a trabalhar com aproximadamente 12 anos. Não existia uma cultura adolescente, nem a

adolescência era percebida como um estágio particular do desenvolvimento (PALÁCIOS & OLIVA, 2004, p.310). Para Avila (2005), foi em consequência da complexidade das sociedades modernas industrializadas a necessidade de um espaço intermediário entre a infância e a idade adulta, entre a maturidade fisiológica e a maturidade psicossocial, sendo resultado dos padrões de mudança da nossa sociedade.

Assim, na sociedade ocidental contemporânea a adolescência tem sido considerada como uma fase natural do desenvolvimento, isto é, todos os seres humanos, na medida em que superam a infância, passam necessariamente por uma nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência. Segundo Bock (2004), inúmeros estudos dedicaram-se à caracterização dessa fase e a sociedade apropriou-se desses conhecimentos, sem questionar sua origem, tornando a adolescência algo familiar e esperado.

Com um tom de ironia Bock (2004, p.30) acrescenta:

Junto com os primeiros pêlos no corpo, com o crescimento repentino e o desenvolvimento das características sexuais, surgem as rebeldias, as insatisfações, a onipotência, as crises geracionais, enfim tudo aquilo que a psicologia, tão cuidadosamente, registrou e denominou de adolescência.

A pesquisa bibliográfica realizada por Bock (2004) conclui que a adolescência é apresentada como uma etapa da vida desvalorizada pela sociedade, caracterizada por uma noção de incompletude, imaturidade, como algo que ainda não acabou de acontecer e de se desenvolver. É uma etapa descrita com aspectos principalmente negativos e os positivos são considerados como algo “da fase”, fruto da imaturidade adolescente, sem receber nenhum destaque ou importância. É definida em oposição com a vida adulta, o qual aparece como a meta deste período, como o estágio a ser atingido, como a etapa que apresenta as características que a adolescência ainda não possui e almeja conquistar.

Por outro lado, a psicanálise vai desenvolver uma interpretação própria para o período, onde o adolescente deve sobreviver a um período patológico do seu desenvolvimento. Segundo Aberastury & Knobel (1992), o adolescente deve enfrentar o mundo dos adultos, para o qual não está preparado, abandonar o seu mundo infantil, constituindo um momento de grandes transformações. Desequilíbrio e instabilidade emocional são constantes no comportamento. As oscilações de humor e atitudes configuram um comportamento semipatológico, que os autores denominaram Síndrome Normal da Adolescência.

Tais instabilidades são esperadas para a adolescência, constitui uma das principais características desta etapa do desenvolvimento. Para Anna Freud, (apud ABERASTURY & KNOBEL, 1992, p.9) “é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência.” Acrescenta ainda, a presença de um equilíbrio estável nessa etapa do desenvolvimento é que não corresponde a normalidade deste período de vida.

Seguindo a mesma orientação, Erickson (1972), entende a adolescência como um compasso de espera que a sociedade oferece a seus membros jovens enquanto eles se preparam para exercer o papel de adultos. É uma etapa que se inicia aproximadamente aos 12 anos e se estende até os 20. Este período de transição constitui uma moratória social.

Calligaris (2011) preservou a noção de moratória social ao interpretar o adolescente como um sujeito capaz, instruído e treinado pela escola, pelos pais e pela mídia para atuar no social, mas que não é reconhecido pela sociedade como um adulto. Sobre ele é imposto uma moratória que o impede de agir. Esta moratória gera uma inquietação no adolescente que vive numa busca por autonomia e independência sem poder agir realmente, ou agindo marginalmente.

Em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma. A adolescência não é só uma moratória mal justificada, onde sofre a privação de reconhecimento de independência, mas é um tempo de duração misteriosa (CALLIGARIS, 2011, p.18).

Segundo Palácios & Oliva (2004), é evidente que os psicólogos, principalmente os de orientação psicanalítica vão apontar a adolescência com um período marcado por conflitos e dificuldades internas do indivíduo. Por outro lado, os mesmos autores comentam que as correntes sociológicas que vão tratar deste assunto apontam que a origem dos conflitos estaria no contexto social e nos acontecimentos externos. Segundo esse enfoque sociológico, os processos de socialização são mais complicados durante a adolescência, pois o adolescente precisa assumir diferentes papéis, muitas vezes contraditórios.

Por outro lado, o enfoque antropológico cultural sugere que diferentes culturas vão apresentar entendimentos distintos para a adolescência. Para Mead (1928, apud PALÁCIOS & OLIVA, 2004), o período da adolescência é vivido como uma etapa agradável e feliz, sem nenhum tipo de tensão especial, turbulência ou de dificuldades para os adolescentes de Samoa.

Desta forma, a adolescência não constitui necessariamente um fenômeno universal e não existe em todas as culturas com o mesmo padrão de características. Palácios & Oliva (2004) questionam, inclusive, se ela é um período natural do desenvolvimento ou um produto de uma determinada organização cultural. Os autores chegam a propor uma discussão sobre a necessidade de formular uma teoria para adolescência, uma vez que o conceito apresenta tanta instabilidade quanto às características destinadas ao período.

Na busca de suprir a necessidade de um entendimento sobre a adolescência, Calligaris (2011) aponta para a adolescência como um ideal. O conceito adolescente como cultura tornou-se um produto que atualmente é consumido por todos independente da faixa etária. Dentre os ideais adolescentes que destacam-se, o autor aponta para as cirurgias plásticas, supervalorização do corpo, fisiculturismo, esportes radicais, carros com apelo jovial, produtos associados a juventude e consumidos por adultos e idosos.

2.1 ADOLESCÊNCIA E COMPORTAMENTO

Na tentativa de nomear o adolescente ao longo da história, ele acabou sendo inserido em diversas generalizações. A instabilidade do conceito de adolescência também aparece no entendimento e descrição do comportamento do adolescente.

Segundo Palácios & Oliva (2004), ao investigarmos a história da Grécia Antiga, certamente encontraremos crianças que em algum momento ficaram questionadoras, rebeldes e indisciplinadas. Todavia, essa população representaria uma escassa minoria, pois a maioria das crianças já estava vinculada ao mundo do trabalho desde os sete anos de idade ou do começo da puberdade.

De acordo com Coleman & Hendry (2003), para entendermos a adolescência e as peculiaridades do seu comportamento, primeiramente, é preciso ter presente as mudanças sociais que influenciam o mundo ocidental. Os dados levantados durante mais de vinte anos desde a primeira publicação de seus estudos na década de 80 revelam que a adolescência não é por definição um período traumático e problemático. Para os autores, as teorias pessimistas sobre a adolescência falam de uma minoria da população adolescente. Em geral, são estudos realizados com jovens que tem mais problemas do que a média da população de mais faixa etária, gerando, conseqüentemente, uma visão distorcida e negativa da adolescência.

Segundo Coleman & Hendry (2003), comportamentos desajustados como abuso de drogas, delinquência e vandalismo são muito ameaçadores para o mundo dos adultos e produzem uma repercussão significativa nos meios de comunicação. É esse sensacionalismo que produz a imagem negativa da adolescência. Para os autores, a realidade desses fenômenos não constitui a ameaça social que é noticiada, tão pouco um nível elevado de alarde social.

As perspectivas teóricas que vão buscar evidenciar e entender este período como instável ressaltam que problemas de conduta são comuns dentre crianças e jovens, principalmente no período que corresponde à adolescência. Bee (1997) classifica como delinquência juvenil atos como roubos, trapagens, ameaças, mentiras e agressões praticadas por adolescentes. Essa gama de comportamentos também atende por comportamentos antissociais ou delinquentes. Os adolescentes que se enquadram nessa categoria costumam apresentar outras características semelhantes, como dificuldades de relacionamento na escola, déficit de aprendizagem e baixo rendimento escolar, bem como pais com histórico de agressividade ou de criminalidade. Entretanto, Glueck & Glueck (apud BEE, 1997) apontam que a delinquência juvenil independe da classe social do jovem. O comportamento delinquente pode ser observado nos jovens de todas as camadas da sociedade. O mito de que a violência e marginalização são fenômenos unicamente vinculados as classes economicamente desfavorecidas não é mais um dado de realidade (ADORNO, 2010; MULLER et al, 2009).

Outras possíveis causas também são atribuídas para tais comportamentos, como: depressão, percepção de controle, impulsividade e estresse. A crise da adolescência é a grande responsável por essas oscilações de humor, apesar de a grande maioria dos jovens conseguirem passar por esse período sem apresentar comportamentos delinquentes (ABERASTURY & KNOBEL, 1992; BEE, 1997; PAPALIA & OLDS, 2000).

O comportamento adolescente é considerado no mínimo anormal, por parecer (e de fato ser) transgressivo, quando comparado ao padrão adulto (o padrão confesso dos adultos). Os adolescentes são facilmente considerados uma ameaça à ordem estabelecida e a paz familiar. (CALLIGARIS, 2011, p.34).

Por outro lado Oliva (2011) entende a instabilidade do comportamento como uma pluralidade. Comenta que com a chegada da adolescência, ocorre um aumento do juízo moral juntamente com os comportamentos pró-sociais e condutas

antissociais e delituosas. Isso evidencia, ainda mais o caráter ambivalente dessa etapa. É na adolescência que os meninos começam a comprometerem-se em atividades de auxílio ao próximo. Costumam optar por atividades de ajuda em situações mais arriscadas e perigosas que as meninas, que costumam se envolver em ações de ajuda de apoio mais verbal e emocional.

Por outro lado, o autor também salienta que neste período também ocorre um aumento significativo de condutas mais inadequadas. Atos delituosos e violentos apresentam um crescimento substancial. Para Oliva (2011), esses comportamentos antissociais têm início ainda na puberdade, tendo como alvos principais a escola e a família. O ápice dos distúrbios de comportamento é por volta dos 17 anos, quando começam a diminuir com advento de maior maturidade até desaparecer na maioria dos jovens.

Quanto às possíveis causas para os desajustes comportamentais Oliva (2011) aponta que fatores como a falta de supervisão e o controle familiar, a escassa comunicação com os pais, o fracasso escolar e um contexto sócio-cultural que reforce as atitudes antissociais podem favorecer o surgimento de comportamentos delituosos.

2.2 ADOLESCÊNCIA E CONFLITO COM A LEI

Ao pesquisar sobre a temática do adolescente em conflito com a lei outros termos estão, de modo geral, relacionados. Desta forma, os termos conflito com a lei, violência e delinquência serão apresentados, uma vez que são constantes na pesquisa sobre o tema.

A situação de conflito com a lei se configura quando o adolescente realiza um ato de delinquência. Pimentel (2004) salienta diferenças entre o comportamento antissocial e o delinquente. A conduta antissocial não apresenta violações legais, como roubo, vandalismo ou violência, que caracterizam o comportamento delinquente ou criminal. A conduta antissocial é uma atitude isolada, não uma constante do comportamento. O comportamento antissocial é um padrão agressivo.

Para Dalhlberg & Krug (2012, p.1165), violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física, contra alguém ou algo, ou intimidação moral contra alguém por meio de ato violento, crueldade ou força”. No ponto de vista

jurídico, define-se como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”. Para a Organização Mundial da Saúde violência define-se como

a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis; o uso de força física ou poder, em uma ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (p.1165).

Segundo Luzes (2010), o termo delinquência possui diversos usos e sentidos, não tendo uma definição absoluta. Determinados atos ditos delinquentes podem estar sendo nomeados de forma equivocada. Deve-se levar em consideração os aspectos jurídicos e psicológicos da infração cometida.

Silva (2004) ressalta que é bastante difícil encontrar uma definição adequada para o termo “delinquência” devido à subjetividade do termo e de sua aplicação. O termo apresenta um uso pejorativo e preconceituoso e, ainda, adverte que a classe social pode nomear se um ato é delinquente ou não.

A violência é uma marca presente nos tempos atuais. Para Refosco et al. (2012), cotidianamente somos atravessados e invadidos pelas mais diferentes formas de violência social. Desde os trágicos efeitos sociais decorrentes da guerra civil entre o tráfico e a polícia, a ocorrência diária de assaltos, sequestros, até as agressões nas escolas, somos confrontados com situações nas quais ocorre o aviltamento frente ao desrespeito aos direitos básicos de cidadania.

Refosco et al. (2012) consideram indiscutível a necessidade de se abordar o tema da violência e da delinquência frente ao impacto desse sintoma social, que possui dimensões e efeitos devastadores, onde jovens são protagonistas de atos violentos e de cenas que desconsideram diferenças e limites na relação com o outro.

Quanto aos motivos que conduzem a esta delinquência, não existe uma causa única que possa explicar o comportamento violento. São inúmeras as variáveis que podem influenciar a violência juvenil. Zigler (apud PAPALIA & OLDS, 2000), enfatiza a importância dos valores familiares. Os problemas de comportamento atingem um patamar de delinquência crônica, na maioria dos casos, por uma influência negativa dos pais. Aponta que em famílias onde a violência é banalizada e já existe histórico de delinquência por parte dos pais é onde a situação se torna mais crítica. A falta de orientação aos filhos em buscar outras opções de vida e comportamentos avessos a violência é o que gera o aumento da delinquência juvenil.

Para Miller (apud PIMENTEL, 2004), a presença das figuras paternas também é o fator decisivo na orientação dos filhos. Em pesquisa realizada com adolescentes britânicos, observou que lares constituídos de pais ausentes ou com pouca disciplina também favorecem o comportamento delinquente dos jovens.

Todavia, é uma limitação social que vai possibilitar a emergência destes comportamentos. O extremismo de um comportamento desviante pode conduzir a atos delituosos e produzir um distanciamento social regido pelo preconceito. Frente à exclusão social a que esta situação evidencia, Volpi (2001) argumenta que a sociedade olha para o adolescente em conflito com a lei de forma preconceituosa. São nomeados de forma pejorativa como “marginais”, “trombadinhas”, dentre outras formas que prejudicam seu lugar no social.

Teixeira (2011) comenta sobre a necessidade de exposição cultural para o jovem. Ressalta a importância da cultura, dos direitos a cidadania para que crianças e adolescentes vislumbrem outra possibilidade de existência; e dos problemas que emergem quando tais condições essenciais são negligenciadas. “O termo marginais, aqui, não é usado no sentido do banditismo, mas de sobreviver a margem, no limite e, então, o crime é uma das opções”, principalmente quando possibilita a subsistência desta população (TEIXEIRA, 2011, p.243).

Segundo Junqueira & Jacobi (2006) em geral, os adolescentes em conflito com a lei são expostos a um contexto social desigual. Provém de famílias com precárias relações de trabalho, rendimentos insuficientes para a garantia das necessidades fundamentais e ausência de políticas sociais que garantissem seus direitos.

Oriundos de grupos familiares vulneráveis, e vivendo em comunidades em que a violência e o uso de drogas fazem parte do cotidiano, esses jovens se defrontam com dificuldades das mais diversas ordens, sofrendo inúmeras violações dos seus direitos garantidos na legislação (p.16).

Segundo dados da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (BRASIL, 2008), em 2008, 16.868 adolescentes estavam em situação de conflito com a lei no Brasil, um aumento de 2,17% em relação ao ano de 2007. Para Muller et al. (2009), uma infração cometida por um adolescente representa muito mais que um problema individual, pois elucida falhas no acompanhamento desses jovens por parte da escola, da família, do Estado e da sociedade.

Para Refosco et al (2012), a terminologia “adolescente em conflito com a lei” não leva em conta que, muitas vezes, trata-se da condição de desamparo de jovens que, por falhas nas relações com as figuras parentais, não têm a lei internalizada (como representação de valores de juízo e limites). Dessa forma, nesses casos, “há precariedade de recursos internos para outorgar o valor e a legitimidade das leis sociais (p.385)”.

2.3 ADOLESCÊNCIA, LEI E INSTITUIÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, de 1990, instituiu que a criança e o adolescente passaram a ter seus direitos regulamentados por uma legislação própria que respeitasse esse tempo de vida e suas especificidades. Cabe ressaltar que até este momento na história do Brasil, o adolescente era tratado, juridicamente, de forma semelhante ao adulto. Os jovens considerados fora da ordem social eram retirados do convívio social sem nenhum olhar subjetivo sob sua condição atual.

O ECA (BRASIL,1990), entre outras medidas, estabeleceu um divisor de idades para a criança e o adolescente. Assim, identificando quem era o sujeito criança e adolescente.

Art 1° - Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art 2° - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo Único - Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art 3° - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros, meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

De acordo com Volpi (2008), o ECA apresenta não só alterações de ordem prática, com reflexos nas políticas públicas e nos trâmites processuais, mas também uma nova compreensão e entendimento da própria noção de infância e juventude, no Brasil. O mesmo autor afirma que uma das alterações diz respeito à terminologia empregada no caso de jovens envolvidos em atos infracionais, substituindo o termo

“menor infrator” por “jovem em conflito com a lei” ou “adolescente em conflito com a lei”. Essa modificação fortalece a condição especial em que o adolescente se encontra, ou seja, um sujeito com sua identidade ainda em desenvolvimento, um indivíduo em transição (Volpi, 1997).

Os termos “menor infrator” e “delinquente juvenil” são tratamentos pejorativos e remetem “a uma entidade, uma síndrome, ou seja, um quadro relativamente estável, o que também contraria o caráter de provisoriedade da adolescência como um momento peculiar do desenvolvimento” (ZAPPE & DIAS, 2010, p.83). Já os termos “adolescente em conflito com a lei” e “adolescente envolvido em ato infracional” denotam, segundo os autores, um “estado” que expressa o movimento e a transitoriedade inerentes a essa fase da vida, diferente da nomenclatura anterior que categorizava o adolescente como patológico.

Para Refosco et al. (2012, p. 388), o ECA apresenta uma visão menos determinista, “correspondendo à perspectiva de um psiquismo aberto que permita ao sujeito trilhar novas possibilidades”. Todavia, os autores advertem que considerar a singularidade do sujeito não exclui, porém, sua responsabilização perante o ato cometido. “Ainda que o delito do adolescente não seja considerado um crime pela lei penal, e sim uma infração, isso não o exime de responder por suas ações (REFOSCO et al, 2012, p.389)”.

Quanto à conduta que qualifica o conflito com a lei do adolescente o ECA aponta (BRASIL, 1990):

TÍTULO III - DA PRÁTICA DE ATO INFRACIONAL
CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art 103º - Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime¹ ou contravenção penal.

Desta forma, o adolescente passou a ser entendido de forma privilegiada em relação à legislação anterior. A situação que existia antes do ECA era desfavorável para o adolescente. As instituições que acolhiam os adolescentes em conflito com lei também abrigavam jovens e crianças excluídas da sociedade de modo geral. Segundo Saraiva (2012), eram recolhidos todos que se encontravam em situação

¹ Conceito de crime: delito é a ação ou omissão, imputável a uma pessoa, lesiva ou perigosa a interesse penalmente protegido, constituída de determinados elementos e eventualmente integrada por certas condições ou acompanhada de determinadas circunstâncias previstas em lei.

Teoria Geral do Crime (Direito Penal)

Fonte:

<http://www.centraljuridica.com/doutrinas/s/14/direitopenal/teoriageraldocrime/teoriageraldocrime.html>

irregular com a sociedade. Entretanto, essa irregularidade podia ser tanto de conduta pessoal (caso de infrações ou desvio de conduta), familiar (jovens e crianças que sofreram maus tratos) ou social (jovens e crianças em situação de abandono). Para o autor, era uma situação de uma “moléstia social”, onde não havia distinção clara sobre as situações decorrentes da conduta do jovem ou daqueles que o cercam.

Essa situação irregular do adolescente misturava infratores e abandonados, “vitimizados por abandono e maus tratos com vitimizadores autores de conduta infracional (SARAIVA, 2012, p.17)”. A situação de irregularidade era um sintoma social na qual os adolescentes eram sujeitados. Configura-se uma criminalização e controle da pobreza que autorizava a exclusão social.

Os “irregulares” eram recolhidos e encaminhados para as entidades de internação chamadas FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Aproximadamente 80% das crianças e adolescentes, os até então chamados de “menores”, não eram autores de fatos definidos como crime na legislação penal brasileira (SARAIVA, 2012).

A Doutrina da Situação Irregular, presente no código de menores de 1979, prevaleceu por muitos anos como norteadora das políticas públicas direcionadas à infância e à juventude, até que a legislação começou a ser modificada com o advento da Constituição de 1988, que com o artigo 227 abriu caminho para a elaboração do ECA em 1990².

Neste momento, a FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo) é criada para substituir os modos de ação que a FEBEM ocupava no Brasil. A FASE torna-se a responsável “pela execução das Medidas Sócio-Educativas de Internação e de Semiliberdade, determinadas pelo Poder Judiciário, a adolescentes autores de ato infracional³”. Assim, rompeu-se com o paradigma correccional-repressivo que orientava a política do bem-estar do menor.

Um dos mais importantes avanços trazidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente foi a distinção entre o tratamento a ser dispensado a crianças e adolescentes vítimas de violência e abandono e o tratamento a ser dispensado aos adolescentes autores de ato infracional. Com isso, foi alterada a lógica de atendimento direcionada a estes públicos, especializando-se a FASE no atendimento exclusivo a adolescentes autores de atos infracionais com medida judicial de internação ou semiliberdade.⁴

² Fonte: <http://www.fase.rs.gov.br/portal/index.php?menu=secretaria&subitem=1>

³ Fonte: <http://www.fase.rs.gov.br/portal/index.php?menu=secretaria&subitem=1>

⁴ Fonte: <http://www.fase.rs.gov.br/portal/index.php?menu=secretaria&subitem=1>

Os programas socioeducativos dividem-se em dois grupos: privativos de liberdade – regime fechado – e em meio aberto, conforme dispõe o art. 112 do ECA (BRASIL, 1990).

Art 112º - Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

I - advertência;

II - obrigação de reparar o dano;

III - pressão de serviços à comunidade;

IV - liberdade assistida;

V - inserção em regime de semiliberdade;

VI - internação em estabelecimento educacional;

VII - qualquer uma das previstas no Art 101º, I a VI.

§ 1º - A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração.

§ 2º - Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado.

§ 3º - Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições.

Entretanto, apesar de muitos autores apresentarem os avanços das políticas de entendimento da situação do jovem no Brasil com o ECA, algumas questões nos convidam a pensar de outra forma. A medida socioeducativa pode ser confundida com uma visão sócio-assistencial e Saraiva (2012) teme que isso nos leve de volta a Doutrina da Situação Irregular.

A Lei 6.697, de 10/10/79 do Código de Menores adotava a chamada doutrina de Proteção ao Menor em Situação Irregular, que abrangia os casos de abandono, a prática de infração penal, desvio de conduta, falta de assistência ou representação legal. Era uma lei de menores que cuidava somente do conflito instalado, um instrumento de controle social da infância e do adolescente, vítimas de omissões da família, da sociedade e do Estado em seus direitos básicos. Portanto, crianças e adolescentes não eram sujeitos de direitos, mas sim objeto de medidas judiciais⁵.

Volpi (2001) ressalta a importância de ampliarmos nossa visão frente a esta problemática. Aponta duas possibilidades extremas que merecem ser estudadas. A primeira seria entender o adolescente em conflito com a lei sempre como uma vítima do sistema social, um “produto do meio”, tendo o delito com estratégia única de sobrevivência frente a uma sociedade que violentamente o priva de seus direitos a cidadania. O ideal de reparação de seus direitos violados é justificado com o ato infrator, numa postura condescendente da sociedade para com os jovens.

O segundo ponto de vista levantado pelo autor seria isentar a sociedade de toda e qualquer responsabilidade em relação às condutas e condições dos jovens.

⁵ Fonte: http://www.ucg.br/site_docente/jur/maria_aparecida/pdf/teoriadasituacao.PDF

Desta forma, o adolescente teria responsabilidade exclusiva e definitiva por todos os seus atos e delitos cometidos.

3 ADOLESCÊNCIA E MÚSICA

Segundo Pereira (2010) a música é um dos acontecimentos mais expressivos da adolescência. A importância e o significado da música na vida dos adolescentes já suscitou muitas pesquisas que investigam o tema sob diferentes perspectivas (PALHEIROS, 2006). Dentre as perspectivas possíveis, destaca-se: por que os adolescentes ouvem tanta música; os diferentes modos como ouvem; as tentativas de compreensão sobre os usos e funções de ouvir música; e a funcionalidade da música para crianças e adolescentes. Para Pereira (2010), a música está presente em muitas atividades adolescentes, tanto de forma individual como coletiva. Segundo a autora, ouvir música constitui a principal atividade de lazer dos adolescentes.

Conforme Santos (2007), os adolescentes preenchem grande parte de seu tempo ouvindo música. Os jovens americanos de 10 anos até 18 anos escutam em média de 2 a 4 horas diárias e os britânicos chegam a escutar até 2 horas por dia. Em sua pesquisa, Palheiros (2006) aponta que a música é considerada uma das principais atividades de lazer dos jovens irlandeses e portugueses, que também investem boa parte do seu tempo em ouvir música. Todavia, adverte que apesar dos dados revelarem que muitos jovens em vários países destacam a importância da música em suas vidas, o reflexo das diferentes tradições culturais específicas de cada país influencia diretamente a representação que a música tem para os jovens.

O adolescente vive com uma trilha sonora permanente, inspiradora de imagens com a qual compõe sua identidade. A música é um dos fenômenos mais representativos das culturas juvenis e exerce um papel significativo na construção da identidade do jovem, produzindo significados e agregando grupos de jovens (PEREIRA, 2010). Segundo Merriam (1964 apud, HUMMES, 2004): “A música, então, fornece um ponto de convergência no qual os membros da sociedade se reúnem para participar de atividades que exigem cooperação e coordenação do grupo” (p.19).

Diferentes estudos vão atribuir inúmeras razões para os motivos que atraem o adolescente à experiência musical, principalmente em países ocidentais. A satisfação de necessidades emocionais e sociais aparece como a principal razão para este investimento, assim como o desenvolvimento de uma identidade própria,

passatempo, alívio para os aborrecimentos, solidão e diversão e ainda, para lidar melhor com os seus problemas (PALHEIROS, 2006).

Para Santos (2007), o valor pertinente à música para os adolescentes pode ser decorrente tanto da percepção dos elementos sonoros e sua composição artística como também da percepção de fatores externos à música, com a busca de uma identidade adolescente.

Existe uma variedade de aspectos que contribuem para a atribuição de significados à escuta musical:

As pessoas não escutam música no vácuo. Elas escolhem diferentes tipos de música para diferentes momentos e envolvimentos e ativamente ou passivamente escutam em variadas intensidades (HARGREAVES, 1985, p.105).

É durante a adolescência que a música se torna cada vez mais importante na vida pessoal e social dos adolescentes (SELFHOUT, 2009). Tamanha importância, acaba por influenciar e significar diretamente suas vidas. Pereira (2010) comenta que a influência que a música estabelece produz significados sobre as emoções, atitudes e o comportamento dos adolescentes. Segundo a autora, a música é para eles a representação de seus problemas e desejos, servindo como uma poderosa referência.

3.1 A INFLUÊNCIA DA MÚSICA

O alcance que os meios de comunicação têm em nossas vidas não é uma discussão atual. Muitas foram às hipóteses e alternativas adotadas por governantes de diversos países para interferir nas mensagens que atingem a população, sejam elas através do rádio, da televisão ou jornais. A música, em muitos casos, foi um dos principais alvos de censura e protestos. A sociedade sempre manteve um olhar crítico e persecutório sobre a música de modo geral (DUNN, 2005).

A influência do rock sobre o comportamento tem sido objeto de debate desde a sua criação. As tentativas de censurar esse gênero musical, e mais tarde outros estilos como o rap e o heavy metal, começaram aproximadamente em 1960, em função de o rock sugerir um ritmo muito forte ou agressivo. Agravaram-se quando as letras das músicas passaram a incluir referências sobre drogas, sexo, violência,

Satanás e protestos. Walser (1993) comenta que as críticas que o heavy metal e o rap recebiam eram tão expressivas que a Newsweek – famosa revista norte-americana – em uma edição especial para adolescentes apresentou a década de 90 como “A era da AIDS, do crack e do heavy metal (p.20)”.

Certamente podemos encontrar aproximações entre o heavy metal e o uso de drogas ao longo da história da música. Porém, o uso de drogas não pode explicar um estilo musical, já que a música, as letras e o uso pesado de drogas estão além da subcultura do rock e sua música desperta o interesse de pessoas que usam drogas e, da mesma forma, de pessoas que não usam drogas, sem influenciá-las a isso (WALSER, 1993).

Walser (1993) relembra que em 1985, Tipper Gore, esposa do então senador americano Al Gore, e uma comissão de esposas de importantes políticos criaram a PMRC (Parents’ Music Resource Center) e pressionaram e exigiram do Congresso Americano que tanto o rap como o heavy metal fossem advertidos em razão do conteúdo de suas letras (WALSER, 1993; DUNN, 2005). Esta campanha foi impulsionada pela suposição de que a preferência musical por rock estaria relacionada ao uso de drogas, comportamento agressivo, e comportamento anti-social, considerando-as de conteúdo ofensivo ou impróprio para adolescentes. O antropólogo Sam Dunn, no seu premiado documentário “Metal: a headbanger’s journey” (2005), apresenta esta e muitas outras histórias de perseguição e preconceito que o heavy metal foi alvo além de entrevistas com ícones do gênero que desmitificaram este estereótipo. Dentre estas histórias, destacam-se muitas manifestações religiosas e sociais e o processo de criação do selo que estampava os discos das décadas de 80 e 90 alertando pais sobre o conteúdo das letras das músicas (Parental Advisory Explicit Content).

O debate sobre o possível prejuízo que o heavy metal pode causar nos jovens se estendeu para outros países, como Alemanha e Inglaterra. Aqueles que defendem a restrição ou proibição da distribuição de músicas deste gênero geraram um debate controverso sobre o quanto os desejos e comportamentos dos adolescentes devem ser restringidos (ARNETT, 1996).

A preocupação dessa influência negativa de estilos musicais violentos, principalmente do rap e do heavy metal, foi o tema de pesquisa bibliográfica realizada por McNamara & Ballard (1999). Segundo as autoras, é evidente que a preferência musical de uma pessoa está relacionada com a sua necessidade de

busca de sensação e prazeres, apesar de os resultados levantados não mostrarem uma influência direta do rock em comportamentos agressivos ou uso de drogas.

Motivados pela mesma preocupação, Anderson, Carnagey & Eubanks (2003) realizaram uma série de pesquisas com universitários estadunidenses sobre a influência de diferentes mídias em seus pensamentos e sentimentos. A partir destes estudos, propuseram o Modelo Geral da Agressão (GAM – General Aggression Model), onde inúmeras variáveis estatísticas indicam os efeitos da mídia violenta no comportamento violento. Vídeos musicais, videogames, letras de músicas e estilos musicais com conteúdo violento ou de duplo sentido foram apresentados aos jovens para averiguar a evidência, ou não, de pensamentos e sentimentos agressivos. Segundo os resultados destes estudos, os jovens que foram expostos aos estímulos violentos manifestaram humor violento, linguagem hostil e pensamentos negativos.

Um realizado com 83 universitários da cidade de Brasília (PIMENTEL & GUNTHER, 2009) obteve resultado semelhante. Indicaram que o conteúdo das letras é um fator determinante em uma suposta influência de comportamento. As músicas de rap e heavy metal selecionadas com letras violentas suscitaram os participantes a pensamentos agressivos, já as músicas, igualmente de rap e heavy metal, com letras pró-sociais inspiraram os sujeitos da pesquisa a atitudes pró-ativas e pró-sociais.

Para Baker & Bor (2008), apesar das letras de rap e heavy metal evidenciarem atos de violência e consumo de drogas, elas não influenciam negativamente no comportamento. Relatam estudos onde adolescentes sentem-se muito bem, atingindo um estado catártico escutando sua música preferida, mesmo com letras agressivas.

Diversos grupos tanto de rap como de heavy metal são citados como os precursores da violência entre os jovens. Todavia, a música “Suicide Solution” (OSBOURNE, 1981) é uma unanimidade dentre as críticas, mas uma análise criteriosa do conteúdo da letra desta música revela aspectos interessantes (WALSER, 1993; ARNETT, 1996). A música é a quinta faixa do disco de estreia da carreira solo do cantor Ozzy Osbourne (1981) e foi acusada de incentivar o suicídio de um jovem de 19 anos (WALSER, 1993). Segundo o autor da música, ela versa sobre os prejuízos do álcool e narra a morte de um amigo, sendo uma música que despreza o consumo de bebidas alcoólicas. No mesmo álbum, a música “No Bone Movies” também foi criticada ter conteúdo sexual, mas a letra versa sobre uma

crítica a indústria pornográfica. De acordo com Walser (1993) este é um álbum extremamente conservador, com letras que falam de amor (“Goodbye to Romance”, “Steal away”) e que criticam o uso de álcool (“Suicide Solution”), a pornografia (“No Bone Movies”) e o ocultismo (“Mr. Crowley”).

Roberts, Christenson & Gentile (2003) comentam a respeito de diversas pesquisas sobre a temática dos efeitos nocivos da exposição a mídia violenta. Dentre elas, um artigo intitulado “Hard Rock creates killer mice!” (Hard Rock cria ratos assassinos), baseado em uma experiência realizada numa escola de ensino médio. No experimento, um grupo de alunos treinou dois grupos de ratos para saírem de um labirinto. O grupo controle de ratos foi submetido a escutar música clássica e tornaram-se mais ágeis. Outro grupo de ratos (experimental) escutava hard rock e ficaram mais lentos. Todavia, o experimento teve que ser interrompido, pois os ratos que escutavam hard rock acabaram matando uns aos outros.

Outras pesquisas ressaltam o meio social como o fator determinante na percepção do estímulo musical como violento ou não. Crianças que vivenciam situações de risco ou violência tendem a sofrer uma maior influência de músicas com letras sobre violência e suicídio, ao ponto que crianças sem essa pré-condição não apresentam a mesma percepção (ROBERTS, CHRISTENSON & GENTILE, 2003). Por outro lado, grande parte dos adolescentes não consegue entender e interpretar corretamente a mensagem implícita nas letras de música, ou ainda não tem esse interesse de compreender a mensagem, o que inviabiliza uma influência determinante da letra da música no comportamento, como sugere McNamara & Ballard (1999).

A influência de letras de músicas, principalmente de heavy metal e rap, tem preocupado pesquisadores e instituições científicas, pela forma que abordaram temas como a violência, a degradação sexual, incentivo ao uso de drogas e de álcool (ANDERSON, CARNAGEY & EUBANKS, 2003; PIMENTEL & GUNTHER, 2009). Pimentel (2004, p.76) evidencia a existência de crimes realizados com provável ou suposta influência de músicas “exageradamente melancólicas, perturbadoras, com letras agressivas e temas psicodélicos de bandas de rock e heavy metal, a exemplo de Marilyn Manson, Pink Floyd, Iron Maiden e Black Sabbath”. Aponta ainda a relação de astros de rap envolvidos com crimes e atividades ilícitas (PIMENTEL, 2009) e de como essas atitudes também influenciam principalmente seus fãs a realizarem atos de violência.

St. Lawrence & Joyner (apud ROBERTS, CHRISTENSON & GENTILE, 2003) revelam que independente do significado da letra, o heavy metal apresenta uma influência no julgamento e no discurso do ouvinte (ANDERSON, CARNAGEY & EUBANKS, 2003). Grupos de universitários, todos do sexo masculino, escutaram músicas de heavy metal com letras sexualmente violentas, letras cristãs (White Metal ou Christian Metal) ou música clássica. Os participantes que escutaram heavy metal, independente do conteúdo das letras versarem sobre violência ou não, apresentaram respostas negativas à imagem da mulher em um questionário que avaliava fatores como: aceitação a violência interpessoal, estereótipos, excitação sexual e a ideia que mulheres podem gostar ou aceitar serem estupradas. Segundo os autores, os resultados da pesquisa indicaram que “músicas com sonoridade raivosa (angry-sounding music) podem aumentar a incidência de pensamentos e sentimentos agressivos, independente do conteúdo da letra” (ANDERSON, CARNAGEY & EUBANKS, 2003, p.163).

A análise realizada por Silva & Soares (2004) das letras de rap escritas em português sugere que estas letras retratam o cotidiano da periferia. Segundo os autores, estas letras denunciam os problemas da realidade compartilhada pela comunidade, “principalmente a exclusão social, as injustiças e a discriminação do jovem negro e pobre (p. 978)”, além de alertar o jovem para os perigos existentes, como tráfico e violência. Buscam também apresentar propostas de enfrentamento para estes problemas, visando

o fortalecimento de laços familiares e de amizade e a educação são também vistos como saídas para os problemas advindos do envolvimento com as drogas. As propostas invocam um discurso que, além de denunciar a situação dos jovens da periferia, propõe mecanismos de proteção para criar uma alternativa de “vida possível” – de convivência com a violência, com o tráfico e consumo de drogas (SILVA & SOARES, 2004, p. 975).

Porém, a sociedade dita formadora de opinião tende a interpretar de forma pejorativa o rap, vendo-o como ameaçador e incentivador de violência.

3.2 OS ESTEREÓTIPOS MUSICAIS

Dentro das ciências sociais, o termo estereótipo é “utilizado para fazer referência à imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo (PEREIRA, 2002, p. 43)”. Também é

compreendido com uma estrutura cognitiva, “um tipo de estrutura que contém conhecimento, as crenças e as expectativas do percebedor em relação a algum grupo humano (PEREIRA, 2002, p. 45)”.

Entretanto, o autor ressalta a importância de diferenciarmos estereótipos e o processo de estereotipização. Para Leyens, Yzerbyt e Schadron (apud PEREIRA, 2002), os estereótipos são crenças compartilhadas sobre os atributos pessoais, principalmente os traços de personalidade e os comportamentos de um grupo de pessoas. Já o processo de estereotipização é o processo de aplicar um julgamento estereotipado a um indivíduo, de maneira a imobilizá-lo dentro de características e comportamentos de uma categoria.

Os estudos que abordam gêneros musicais e estereótipos estão, de modo geral, todos relacionados a investigações sobre preferências musicais e comportamento. A questão dos estereótipos nem sempre é um objeto dessas pesquisas, mas um resultado levantado a partir da categorização dos seus resultados.

Em pesquisa realizada com 548 estudantes de escolas públicas e particulares na Paraíba, Pimentel (2005) constatou uma relação direta entre preferências musicais, comportamento anti-social ou agressivo e o uso de drogas (maconha). Apesar de o autor ressaltar que os participantes da sua pesquisa não constituírem uma população de comportamentos delinquentes, observou que, principalmente os homens que demonstraram maior interesse por músicas anticonvencionais (rap, punk, heavy metal e reggae) apresentaram atitudes favoráveis ao comportamento anti-social e o uso de drogas. O rock e suas variantes estavam entre a preferência de 25% dos adolescentes.

Entretanto, o autor salienta que o método utilizado em sua pesquisa inviabiliza afirmar que a preferência musical por estilos anticonvencionais possa ser o motivo causador de comportamentos anti-sociais, bem como ao uso de drogas.

Para Schell & Westefeld (apud PIMENTEL, 2005, p.410), “o heavy metal atrai adolescentes com problemas afetivos comportamentais, como uso de drogas, delinquência, problemas nas relações familiares”, mas não é causa destes comportamentos. Já Martin, Clarke & Pearce (apud PIMENTEL, 2005), em estudo realizado sobre suicídio entre adolescentes e preferências musicais, explicam que os adolescentes com histórico psicopatológico pessoal e familiar tendem a procurar o rock e/ou heavy metal por se identificarem com o conteúdo das letras. É uma forma

de identificação, uma vez que refletem sensações e sentimentos vivenciados pelos próprios jovens.

A preferência musical, sua influência nas atitudes dos adolescentes possibilita a idéia dos estereótipos de fãs de determinados estilos musicais. Novamente, para os fins deste projeto de pesquisa, o levantamento realizado foca os estereótipos que de alguma forma fazem alguma alusão a violência ou comportamento agressivo.

Segundo Roberts, Christenson & Gentile (2003) e Pimentel, (2005), socialmente, há um estereótipo de fã para cada estilo musical. Os fãs de heavy metal são considerados violentos e drogaditos, os sambistas, tachados de malandros ou vagabundos. Fãs de rap e funk são classificados como bandidos marginais e provenientes de uma classe socioeconômica baixa. Aqueles que gostam de música emo são estereotipados de homossexuais e os fãs de música eletrônica e de reggae considerados usuários de drogas. Entretanto, esses estereótipos não correspondem necessariamente à realidade. Trata-se de um julgamento de fãs de outros estilos musicais interpretando culturas distintas as quais não estão inseridos (RENTFROW & GOSLING, 2007)

Os fãs de heavy metal possuem características próprias, uma identidade única. Roberts, Christenson & Gentile (2003) assinalam que os admiradores deste estilo de música causam mais conflitos em casa com os pais, além de questionarem com freqüência autoridades escolares. Apesar disso, não se consideram pessoas isolados do grupo e dizem-se satisfeitos com a qualidade de suas relações.

Outra característica predominante desta população é uma predisposição a correr mais riscos, de submeterem-se a situações perigosas apenas pelo prazer de experimentar novas sensações.

Segundo Fried (apud PIMENTEL & GUNTHER, 2009) o conteúdo das letras de músicas de rap e heavy metal têm favorecido a formação de um estereótipo de fã desses estilos. Em estudo realizado com universitários da Califórnia (EUA), constatou que a temática da violência, quando abordada em uma música de rap é mais facilmente identificada como agressiva ou violenta em relação a outros estilos.

Essa questão do estereótipo e dos malefícios que principalmente o rock tem sobre seus fãs chegou a despertar interesse dos médicos Brown & Hendee (1989). Segundo artigo publicado no JAMA (Journal of the American Medical Association), a música exerce uma influência muito grande nos adolescentes ao ponto de ser considerada um indicativo de saúde mental, podendo inclusive ser utilizada como

fator diagnóstico de acordo com as preferências musicais do jovem. Salientam que pais e médicos devem ficar atentos as preferências musicais de seus filhos para não serem influenciados pela cultura do rock.

Já Dent et al. (1992) discorda deste posicionamento e publicou no *American Journal of Public Health* uma resposta à pesquisa de Brown & Hendee. Após realizar uma pesquisa com mais de 700 jovens sobre o uso de drogas e preferências musicais, constatou que o gosto musical não pode ser considerado um critério diagnóstico indicativo de comportamento subversivo. Baker & Bor (2008) apontam dados semelhantes: também enfatizam a impossibilidade de diagnosticar o estado mental de uma adolescente a partir de suas preferências musicais. Porém, ressalta que muitas das adolescentes, principalmente do sexo feminino hospitalizadas na ala psiquiatria eram fãs de heavy metal.

Rentfrow & Gosling (2007) realizaram um estudo com 206 estudantes da Universidade do Texas a respeito da existência e veracidade de estereótipos em fãs de 14 diferentes estilos musicais. Comprovou-se uma relação significativa de preferências musicais e traços psicológicos importantes em diferentes gêneros de música. Fãs de música clássica e religiosa mostraram-se mais amáveis, conscientes e estáveis emocionalmente. Da mesma forma, indicaram baixo índice de extroversão. Os fãs de rock apresentaram resultados opostos, com menos estabilidade emocional e índices maiores de extroversão.

Valores como a família, segurança, amor, inteligência, sabedoria, conforto e beleza foram pontuados como crenças presentes nos apreciadores de música clássica e religiosa. Para os admiradores de rock os valores evidenciados foram excitação, ânimo, reconhecimento pessoal e orgulho. Quanto ao uso de drogas, todos os fãs de rock e rap demonstraram alguma forma de afeição. Em contrapartida, fãs de música clássica e religiosa não apresentaram nenhum interesse no uso de drogas ilícitas.

Baseando-se na pesquisa de Rentfrow & Gosling (2007), Delsing et al. (2008) realizou estudo semelhante com 2334 estudantes holandeses, de idades entre 12 e 19 anos. Acompanhou-os durante 3 anos, para observar se suas preferências musicais e os traços de personalidade relacionados mantinham-se ao longo dos anos. Os autores relatam que obtiveram resultados bastante semelhantes aos de Rentfrow & Gosling, porém salientam a importância de observar as diferenças de culturas dentre os dois países. Determinados estilos musicais (como o gospel) não

são populares nos Países Baixos. Todavia, as aproximações de gostos musicais e traços de personalidade foram semelhantes. Porém, observaram que os adolescentes mais novos que tem preferências musicais por rock e rap, tendem a diminuir o interesse por esses estilos com o passar dos anos. Os pesquisadores atribuíram este dado ao fato de que os adolescentes vão aos poucos perdendo o interesse em sensações de risco e aventuras.

Arnett (1996) entrevistou 100 fãs de heavy metal em diferentes cidades dos Estados Unidos, com idades de 13 a 25 anos. Ressalta que a sua pesquisa não era sobre a música, mas sobre os seus apreciadores. Segundo o autor, os headbangers ou metalheads (fãs de heavy metal) são jovens com características iguais aos fãs de qualquer outro gênero musical, porém notifica que individualismo, imprudência, pessimismo e cinismo são características mais vividas entre eles.

Segundo Pereira (2002), os estereótipos são a base para o preconceito e para a discriminação. A noção de preconceito refere-se a uma atitude injusta e negativa em relação a um grupo ou a uma pessoa que se supõe ser membro de um grupo. Acrescenta ressaltando que a discriminação é um comportamento manifesto, realizado por uma pessoa preconceituosa que julga um indivíduo a partir da adoção de padrões de referência em relação aos membros do próprio grupo e/ou de rejeição em relação aos membros de grupos externos.

3.3 AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS

Os pesquisadores consideram que os anos da adolescência são o ponto de inflexão das preferências musicais. É por volta dos dez ou onze anos que a maioria das crianças passa a ter real interesse pela música, mesmo aquelas que até então não o haviam manifestado (LEVITIN, 2010).

Estudos revelam que durante a infância somos mais receptivos a novos gêneros musicais. Esta disponibilidade diminui no início da adolescência, volta a aumentar na adolescência tardia e diminui novamente na idade adulta. Entretanto, segundo Hargreaves, North & Tarrant (2006) a literatura que disserta sobre o desenvolvimento de preferências musicais é nebulosa e dispersa.

Todavia, para Schäfer (2008), o significado da música na vida das pessoas parece aumentar até a adolescência e depois diminuir lentamente ao longo do

tempo de vida. As pessoas continuam preferindo as músicas que eram populares quando tinham entre 20 e 25 anos de idade, o que indica que este é o momento crítico de se estabelecer uma preferência musical estável. Aponta ainda que ao envelhecermos tornamos nosso gosto musical mais complexo, apreciando cada vez menos os gêneros musicais mais populares.

O autor também comenta que existem resultados discrepantes sobre as aproximações de cultura, preferências musicais e adolescência. Segundo o autor, assim como Merriam (1964, apud SCHÄFER, 2008) defende a ideia de que as preferências musicais são dadas pelo ambiente cultural, que influencia nossa percepção de peças musicais e estilos; McCrary (1993, apud SCHÄFER, 2008) aponta que esta relação é imprecisa, pois os adolescentes usam a música para definir sua própria subcultura.

Segundo Allen (2010), a educação dos pais é o fator mais determinante em todos os processos das crianças e adolescentes. É evidente a importância dos pais no comportamento dos filhos, assim como nas preferências musicais, apesar de os adolescentes negarem. A família influencia e incentiva a apreciação por determinados gêneros, de acordo com os estímulos musicais apresentados. Comenta ainda, que o incentivo ao aprendizado de algum instrumento musical é um dos fatores mais determinantes neste processo.

Tekman (2009) ressalta que apesar de diversos estudos apontarem para aproximações entre fatores de personalidade, nível socioeconômico e preferências musicais, as diferenças culturais são determinantes no gosto musical. Ao realizar sua pesquisa na Turquia, os dados coletados foram diferentes dos apresentados nas pesquisas realizadas em países da Europa ocidental. Os gêneros musicais preferidos na Turquia não agrupam os gêneros de origem ocidental, formando seus próprios “clusters independentes” (TEKMAN, 2009, p. 593).

Schäfer & Sedlmeier (2009) avaliaram dois modelos que se propõe a investigar preferências musicais; um proposto por LeBlanc, de 1982 e outro por Hargreaves, em 2005. O modelo de LeBlanc mede a preferência musical a partir da interação das informações de entrada e das características do ouvinte. As informações de entrada consistem no ambiente musical, como a complexidade ou o significado referencial da música, e do ambiente cultural, como amigos, familiares, educadores, etc. As características do ouvinte são fatores como sexo, personalidade, grupo étnico e aptidões musicais. Segundo os autores, este modelo

ignora as possíveis funções da música e não dá qualquer referência à questão de por que o indivíduo realmente gosta da música em questão. Assim, nenhuma conclusão pode ser traçada a partir do modelo em relação a possíveis razões pelas quais uma escuta música em tudo. O modelo desenvolvido por Hargreaves foca as respostas cognitivas e emocionais das pessoas à música.

Tal como no modelo de LeBlanc, o modelo de Hargreaves indica que as características do ouvinte, a música, e do contexto social têm uma influência determinante sobre essas respostas. No entanto, ambos os modelos não apresentam resultados claros, principalmente sobre a importância e os benefícios da música e não respondem por que se começa a ouvir música em tudo (SCHÄFER & SEDLMEIER, 2009, p. 487-488).

Os fatores que podem determinar a formação de uma preferência musical também são apresentados de diferentes formas. Para Schäfer & Sedlmeier (2009), características da música, tais como a complexidade, sonoridade e tempo, tem uma forte influência sobre a preferência musical. Já, segundo Palheiros (2006) as preferências musicais podem ser influenciadas por diferentes fatores inter-relacionados:

(..) características da música, como elementos musicais, estilo e interpretação (instrumentos, intérpretes), complexidade e familiaridade (repetição), caráter emocional (emoções da música e estados emocionais que a música pode suscitar); características pessoais, como idade, sexo, nacionalidade, estatuto socioeconômico, personalidade, formação musical; e fatores extramusical, como o contexto social (situação de audição), agentes de socialização (família, amigos, professores) efeitos de grupo (conformidade e prestígio, por exemplo) e aculturação (meio musical). (PALHEIROS, 2006, p.330-331)

As modernas tecnologias, tanto de reprodução com de distribuição de música possibilitaram uma enorme diversidade de diferentes estilos musicais, um pluralismo musical (PALHEIROS, 2006). Desta forma, o adolescente dispõe de uma variedade muito grande de gêneros musicais para escutar.

As preferências musicais ainda exercem um fator determinante nas relações interpessoais. Na adolescência, as preferências musicais muitas vezes, vão formar os núcleos de amigos e de convívio e a preferência musical tem um valor importante na identidade do grupo. Nesta perspectiva, as preferências musicais possibilitam que os grupos se formem, onde eventualmente um adolescente precisa adotar uma nova preferência para pertencer a um novo grupo (BROWN ET AL., 1986).

A questão não é a qualidade da música ou o lugar que ela ocupa na vida dos jovens. “Música boa ou má, música usada como atividade principal ou secundária,

todos são repertórios e modos de ouvir legítimos (BOAL PALHEIROS, 2006, p. 308)”.

McNamara & Ballard (1999) apontam o rock e suas variações como o estilo preferido dos adolescentes dentro das culturas de língua inglesa. Apesar de a maioria dos adolescentes relatarem que não tem uma preferência única, um gênero favorito.

Pelaez (2005) realizou um estudo com 60 alunos adolescentes, de classe média alta, de uma escola particular na cidade de Joinville. Observou que o rock lidera as preferências, seguidos pelo pop, rap, pop rock, hip hop e techno. Ao comparar os índices de preferências mencionadas, identificou contrastes de preferências entre meninos e meninas. De uma maneira mais expressiva, com relação ao pop e gêneros brasileiros (preferencialmente feminino), e ao rap e techno (preferencialmente masculino).

Em pesquisa realizada com 225 alunos de escolas da rede de ensino municipal de Curitiba, de 12 a 16 anos, Santos (2007) chegou a resultados semelhantes:

(...) funk, rap e rock, formando uma única categoria, estão entre os estilos apontados pelo maior número de alunos. Rap e funk aparecem mais uma vez como uma preferência masculina. Isso reforça a idéia de censura e reprovação entre o grupo feminino, tanto por causa das letras, como pela associação a estereótipos que resultam em preconceito contra aqueles grupos: se a letra for 'besteira' eu não escuto ou rap de maloqueiro (SANTOS, 2007, p.96).

Segundo a autora, as preferências musicais dos adolescentes estudados estão relacionadas a ideias, imagens e pensamentos sobre os gêneros musicais. Uma representação simbólica que remete a comportamentos, valores culturais ou ainda a representações de ordem social (SANTOS, 2007).

Ela ressalta ainda que não é possível fazer generalizações a respeito das preferências musicais dos 225 alunos estudados:

Apresentam particularidades e distinções entre si que levam à constituição de subgrupos diferenciados dentro de um mesmo ambiente. Todos esses aspectos devem ser contemplados, para que não haja generalizações. A ausência de linearidade na constituição de suas preferências (SANTOS, 2007, p.109).

Para a autora, as preferências musicais estão diretamente vinculadas às representações sociais que exercem, pois constituem um fenômeno com funções psicossociológicas. Comportamentos e as formas de comunicação e interação entre indivíduos são construídas socialmente e partilhadas a partir da unidade do grupo.

Nesse sentido, as explicações dos alunos sobre não gostar de determinados gêneros musicais remetem ao conceito de representações sociais. No discurso dos alunos estão implícitos pensamentos e conceitos percebidos e construídos no conjunto da vida cotidiana (SANTOS, 2007, p.108).

Desta forma, semelhanças e diferenças convivem dentro de um mesmo espaço coletivo compõem um universo complexo de preferências musicais.

4 METODOLOGIA

4.1 MÉTODO

O delineamento metodológico desta pesquisa foi o estudo de levantamento de dados (survey ou pesquisa amostral), uma vez que se trata de uma investigação de caráter exploratório e descritivo. O método survey é “utilizado para estudar um segmento ou parcela – uma amostra – de uma população, para fazer estimativas sobre a natureza da população total da qual a amostra foi selecionada” (BABBIE, 2003, p. 115).

Quanto ao caráter exploratório da pesquisa amostral, Babbie (2003) comenta que o objetivo é familiarizar-se com o tópico ou identificar os conceitos iniciais sobre um tópico em questão; assim como, dar ênfase na determinação de quais conceitos devem ser medidos e como devem ser medidos. Desta forma, buscar descobrir novas possibilidades e dimensões da população de interesse.

A qualidade descritiva caracteriza-se por buscar identificar quais situações, eventos, atitudes ou opiniões estão manifestos em uma população; descrever a distribuição de algum fenômeno na população ou entre os subgrupos da população ou, ainda, fazer uma comparação entre essas distribuições. Neste tipo de survey a hipótese não é causal, mas tem o propósito de verificar se a percepção dos fatos está ou não de acordo com a realidade.

Dentre as possibilidades de desenhos de survey, o modelo interseccional é o que apresentou maior compatibilidade com os objetivos desta pesquisa. Na survey interseccional são colhidos dados de uma amostra selecionada para descrever alguma população maior na mesma ocasião ou situação. “Tal survey pode ser usado não só para descrever, mas também para determinar relações entre variáveis na época do estudo” (BABBIE, 2003, p. 101).

4.2 PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em uma unidade de detenção e no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, responsável pela execução das medidas sócio-educativas de internação fechada e de semiliberdade, determinadas pelo

Poder Judiciário, a adolescentes autores de ato infracional. Esta unidade abriga apenas adolescentes do sexo masculino de Porto Alegre e da região metropolitana.

A instituição referida iniciou suas atividades em 2002, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei 8.069/90), que impôs a necessidade de reordenamento dos órgãos públicos e entidades da sociedade civil que atuam na área da infância e juventude, com a intenção de adequar os novos paradigmas conceituais e legais de atenção aos jovens.

Participaram deste estudo, 70 adolescentes na faixa etária entre 14 e 18 anos, todos do sexo masculino, que estão cumprindo alguma medida sócio-educativa (ver GRÁFICO 1).

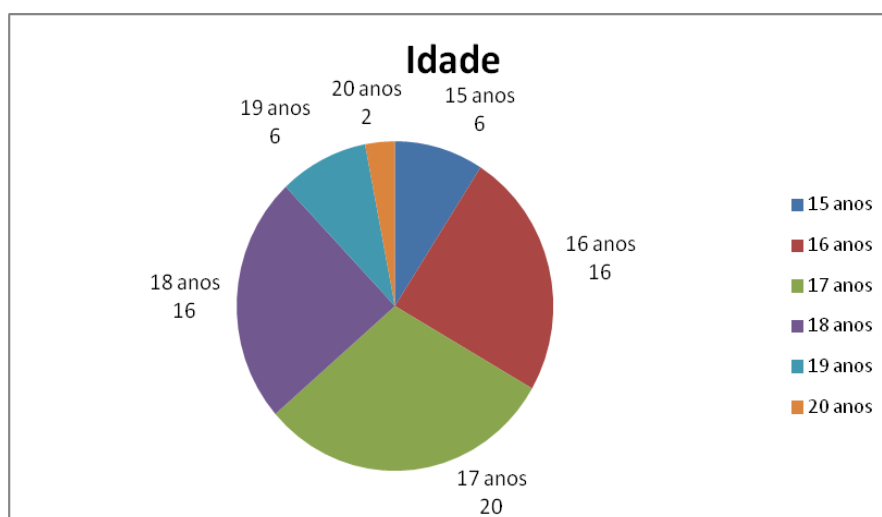


GRÁFICO 1: IDADES DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Todos eles se encontravam privados de liberdade, em regime fechado ou semiaberto. Na instituição onde o estudo foi realizado existiam 132 adolescentes internos. Os que não participaram da pesquisa foram aqueles que por algum motivo não se encontravam na instituição nos dias da aplicação ou estavam afastados por razões médicas ou, ainda, optaram por não colaborar espontaneamente com a pesquisa.

Como todos adolescentes que estão cumprindo medida sócio-educativa são obrigados a frequentar a escola, existe dentro da instituição uma escola estadual que atende a todos os internos. Desta forma, o nível de analfabetismo é muito baixo. Porém, dos 132 adolescentes que estão no local, apenas quatro cursavam o ensino médio.

Dentre os 70 adolescentes que participaram do estudo, quatro não eram alfabetizados e seus resultados não foram tabulados. O gráfico 2 abaixo apresenta o nível de escolaridade dos 66 adolescentes que participaram efetivamente da pesquisa.

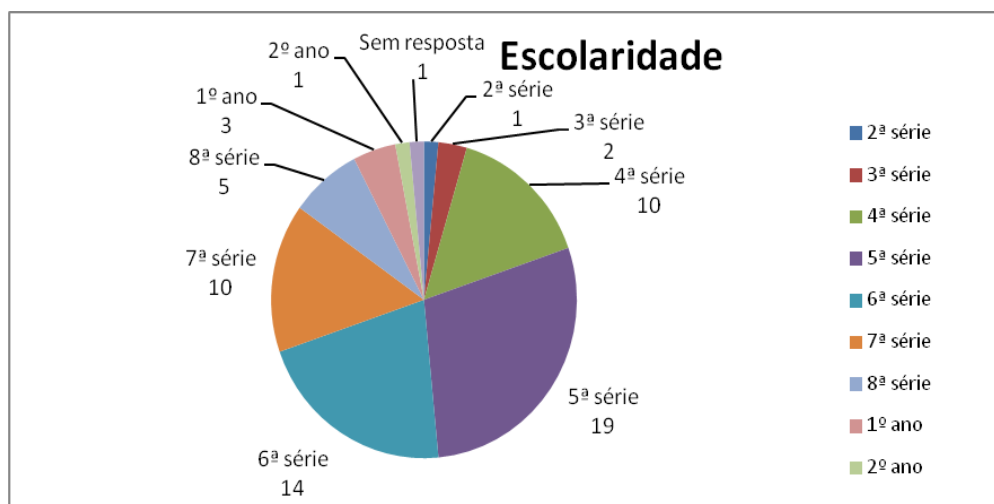


GRÁFICO 2: ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesta pesquisa foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados (APÊNDICE 1): Escala de Preferência Musical (EPM) e Questionário sociodemográfico. A EPM utilizada neste estudo tem como base a escala utilizada por Pimentel e Donnelly (2008). Inicialmente, Pimentel (2004, 2005), utilizou a EPM (Escala de Preferência Musical), uma adaptação da Escala Abreviada de Preferência Musical (STOMP - Short Test Of Music Preference), instrumento originalmente proposto por Rentfrow & Gosling (2003).

A Escala Abreviada de Preferência Musical (STOMP - Short Test Of Music Preference) contemplava 14 gêneros musicais (música clássica, blues, country, dance, folk, rap/hip-hop, soul/funk, gospel, alternativa, jazz, rock, pop, heavy metal, músicas-tema de filmes). Os participantes do estudo avaliaram os estilos musicais em uma escala tipo Likert onde, 1 = Detesto e 7 = Gosto Muito. Os participantes ainda podiam assinalar os gêneros musicais que não conheciam.

Em 2008, o instrumento foi adaptado para os padrões brasileiros por Gouveia et al. (2008). O estudo de validação utilizou o mesmo modelo elaborado por Rentfrow & Gosling (2003). Todavia, nos resultados apresentados (GOUVEIA ET AL., 2008), evidenciou-se a necessidade de aproximar alguns gêneros musicais para a realidade brasileira, uma vez que os estilos musicais propostos por Rentfrow & Gosling (2003) contemplavam a cultura estadunidense.

Pimentel (2004, 2005) mediu 13 gêneros musicais em sua primeira utilização da EPM (sertaneja, pagode, pop music, funk, forró, samba, MPB, música clássica, rap/hip hop, heavy metal, punk/hard core, reggae e música religiosa). Em estudo posterior (PIMENTEL & DONNELLY, 2008), a escala foi acrescida de mais 7 estilos musicais (axé, brega, eletrônica, jazz, blues, ópera e rock) contemplando 20 gêneros em sua versão final. A escala visava conhecer o grau de preferência ou aversão com relação a esses estilos ou gêneros musicais, ancorados em escala formato Likert, cada item representando um estilo, respondido num contínuo que vai de 1 = detesto a 5 = gosto muito (PIMENTEL & DONNELLY, 2008, p. 703).

A Escala de Preferências Musicais (EPM) utilizada no presente estudo foi acrescida de outros 5 gêneros além dos utilizados por Pimentel e Donnelly (2008), num total de 25 gêneros musicais, sendo estes: Heavy metal, Rap/hip-hop, Sertaneja, Sertanejo Universitário, Pagode, MPB, Punk/Hard Core, Funk Carioca, Forró, Samba, Música Clássica, Música Religiosa, Reggae, Axé, Eletrônica, Rock, Rock Brasil, Rap/Hip-Hop Brasil, Jazz, Blues, Bossa Nova, Rock n' Roll, Pop Rock, Pop Music, Trilhas de filmes e novelas. Junto de cada gênero musical constava de três a cinco exemplos de interpretes do respectivo estilo, por exemplo: Heavy metal (Black Sabbath, Iron Maiden, Slayer, Metallica, Sepultura, Angra).

A EPM visou medir além das preferências musicais dos adolescentes privados de liberdade como também a amplitude de gêneros musicais que eles estão familiarizados. Assim, a escala tipo Likert, (sendo, 1 = Detesto; 2 = Não Gosto; 3 = Mais ou Menos; 4 = Gosto; 5 = Gosto Muito) apresentada adicionou uma sexta medida identificada com o sinal “?” (sendo ? = Não Conheço) a fim de medir o grau de conhecimento musical dos participantes. Cada um dos gêneros musicais dispunha de 3 a 5 exemplos de interpretes do referido estilo para ilustrá-lo.

No final do levantamento de preferências musicais os participantes ainda responderam a algumas questões informativas. “Questões factuais pedem às pessoas para dar informações sobre si mesmas e/ou sobre sua situação” (COZBY,

2009, p. 156). Assim, o Questionário Sociodemográfico buscou levantar informações como sexo, idade, escolaridade e sobre o gosto musical dos participantes e também incluiu outras questões factuais como: a) uma questão que media a familiaridade dos participantes com outros estilos musicais que não foram contemplados no estudo; b) uma questão sobre o gênero musical preferido de cada participante; c) o tempo de exposição a estímulos musicais; e d) se os participantes acreditavam que a música poderia influenciar suas vidas de alguma maneira.

4.4 ESTUDO PILOTO

Inicialmente foi realizado um estudo piloto com 40 participantes em uma faculdade do Estado do Paraná. Este piloto tinha como objetivo principal levantar possíveis falhas no questionário e medir o tempo médio de aplicação do instrumento. Na ocasião, verificou-se que alguns dos exemplos musicais que ilustravam os gêneros apresentados deveriam ser revistos e o tempo médio de duração da aplicação foi de 15 minutos. O gênero Trilhas de Filmes e Novelas inicialmente não constava no questionário, apesar de ser um gênero constante (Soundtracks) nas versões americanas dos estudos sobre preferências musicais. Após a aplicação do estudo piloto este foi acrescido na escala devido a alta incidência (mais de 50%) que apresentou no piloto. Outros gêneros (Grunge e Psy) também foram levantados, mas com pouca relevância (menor que 5%).

4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para realizar a pesquisa final, buscou-se diversas instituições que abrigam ou desenvolvem algum tipo de trabalho com menores infratores, porém, devido às peculiaridades tanto de segurança como de acesso a esta população limitou-se significativamente o número de estabelecimentos de realização do estudo. Foram precisos seis meses de trabalho do momento em que foi realizado um primeiro contato com uma destas instituições até a aprovação de todas as instâncias éticas.

Para realizar a aplicação do questionário de preferências musicais o projeto desta pesquisa foi encaminhado para o comitê de ética do local, juntamente com uma carta de apresentação da instituição (UFPR).

O comitê de ética costuma levar até um ano para aprovar um projeto, em função da rotina rigorosa a que são submetidos os adolescentes que estão cumprindo a medida sócio-educativa. A pesquisa foi negada na primeira instância em razão do seu título inicial (Música e Cárcere). A justificativa alertava para o uso do termo cárcere que não corresponde a nomenclatura atualmente utilizada. Desta forma, o título do trabalho foi modificado para Música e Adolescência. Todavia, o projeto foi aprovado em um intervalo de tempo consideravelmente menor por se tratar de uma pesquisa inédita na instituição.

Depois de aprovado o projeto, fui chamado a comparecer no gabinete central da instituição para assinar um termo de comprometimento ético e receber uma carta de autorização (ANEXO 1). A partir deste momento estava autorizado para agendar minha aplicação. O agendamento deveria ocorrer com um mês de antecedência e não poderia ser realizado no mês de dezembro por questões de segurança (os adolescentes ficam muito nervosos no final do ano por não poderem ir para casa).

Assim, consegui agendar minha primeira aplicação para o dia 3 de janeiro. Na ocasião, foi solicitado que realizasse uma aplicação pequena para verificar a reação dos jovens frente à pesquisa. A ideia inicial era aplicar a pesquisa em uma sala de aula com cadeiras e mesas para 40 jovens, mas não foi possível reunir um número tão grande de jovens ao mesmo tempo por risco de rebelião.

4.5.1 Primeiro dia

Chegando à unidade de detenção onde a pesquisa foi agendada, deixei todos os meus pertences na secretaria. Por razões de segurança, é proibido entrar na instituição com qualquer tipo de objeto que possa ser apreendido por um dos internos. Em seguida, fui encaminhado para o coordenador da casa e para o responsável técnico. Apresentei o projeto, o questionário e minha carta de aceite e fui apresentado para a chefia de detenção. Passamos aproximadamente 30 minutos traçando uma estratégia para viabilizar a aplicação. Chegamos à conclusão que o

melhor horário seria o período que os adolescentes têm para ficar no pátio (1 hora por dia).

Muitos fatores internos nos levaram a esta conclusão. Dentro da instituição funciona uma escola estadual que atende aos internos. Todavia, a escola possui uma administração independente, assim não poderia utilizar sua infraestrutura, nem aplicar a testagem em horário de aula sem uma autorização prévia da direção da escola.

Assim, fui para o pátio com o chefe de detenção para ser acompanhado por mais dois monitores para poder circular dentro das áreas onde estavam os adolescentes. No pátio havia dez jovens, três deles não participaram da pesquisa (um foi tomar banho, que fica no pátio mesmo e outros dois não quiseram).

Passei as informações da pesquisa e reuni os adolescentes em torno de uma mesa grande. Todos foram acomodados sentados e, junto do monitor responsável, passei as instruções da pesquisa. Cada participante recebeu um questionário e um lápis que deveria ser devolvido junto com o questionário. O tempo de duração desta primeira aplicação foi de quinze minutos.

4.5.2 Segundo dia

Cheguei à instituição às 9h e me dirigi diretamente para a chefia de detenção (chefe de equipe). Ele me encaminhou para outras unidades, onde fui acompanhado pelos monitores para aplicar a testagem nos adolescentes. Visitei duas unidades, cada uma com aproximadamente 30 jovens. Desta população consegui aplicar o questionário em apenas 15. Como tive acesso às unidades no horário de pátio matinal, muitos dos adolescentes ainda estavam dormindo ou no banho.

4.5.3 Terceiro dia

Foi solicitado que chegasse apenas às 10h da manhã. Desta forma, não consegui encontrar os adolescentes do regime fechado, apenas os que já estão cumprindo o regime de semiaberto. Os adolescentes em semiliberdade são jovens que cumpriram suas penas do regime fechado com bom comportamento e, neste

momento, estão em transição para serem efetivamente liberados. Apliquei o questionário em 17 adolescentes.

Voltei à tarde para aplicar o teste nos adolescentes que ficam presos no período da manhã e só vão para o pátio à tarde. Todavia, o presídio estava com poucos funcionários no momento e não teriam como me acompanhar para realizar a pesquisa. Mesmo assim, tentei esperar por um horário mais tranquilo, mas ocorreu um tumulto com alguns jovens recém-chegados e me foi solicitado para sair. Não realizei nenhuma aplicação na sexta à tarde.

4.5.4 Quarto dia

Na segunda pela manhã, cheguei às 10h da manhã para nova aplicação. Desta vez, fui acompanhado pelo responsável geral da instituição, o que facilitou o acesso e a segurança do estudo. Passamos por todas as unidades durante duas horas e assim conseguimos aplicar o questionário em todos os adolescentes que faltavam (38 adolescentes, totalizando 70 jovens).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor visualização dos resultados coletados, são apresentadas quatro categorias de gráficos. Na primeira, são visualizadas as preferências musicais dos participantes organizadas do gênero mais apreciado ao menos apreciado e os gêneros descritos como preferidos perguntados individualmente no questionário. A segunda categoria de gráficos expõe a avaliação individual de cada um dos gêneros questionados no estudo. Na terceira categoria de gráficos são evidenciados os resultados a partir das opções nominais de respostas sugeridas (Não conheço; Detesto; Não Gosto; Mais ou Menos; Gosto; Gosto Muito). A quarta categoria apresenta os resultados coletados sobre as relações que participantes estabelecem com a música, sendo, as horas de escuta musical diária e a influência que a música tem nas suas vidas.

5.1 PREFERÊNCIAS MUSICAIS

O gráfico 3 abaixo apresenta as preferências musicais dos adolescentes que participaram do estudo em ordem decrescente. Para a obtenção dos resultados do gráfico 3 foram somadas as notas atribuídas a cada gênero musical, sendo 330 (66 x 5) a nota máxima possível de ser alcançada. O gráfico 3 compreende dois eixos, onde x=gêneros musicais e y=pontuação máxima de cada gênero.

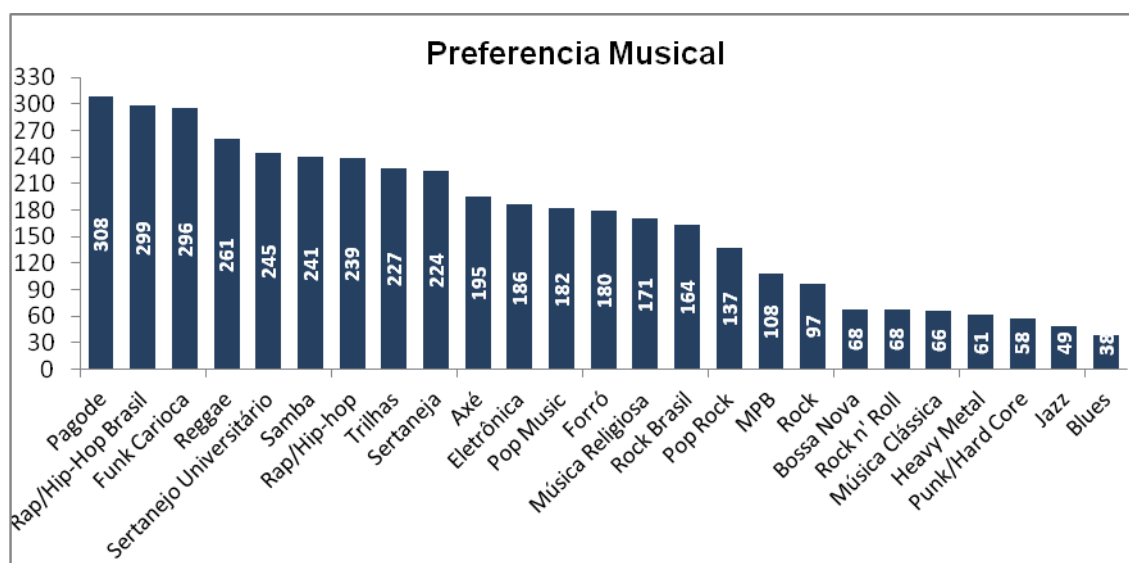


GRÁFICO 3 PREFÊRENCIAS MUSICAIS

O gênero musical que somou a maior pontuação dentre os adolescentes do estudo foi o Pagode, seguido do Rap/Hip-Hop Brasil e do Funk Carioca que também obtiveram uma pontuação elevada. A partir desses dados, observa-se uma preferência por estilos musicais populares, como o Sertanejo Universitário e o Samba. Assim como Santos (2007), em estudo realizado nas escolas municipais de Curitiba, o Rap e o Funk comprovaram-se como uma preferência musical entre os jovens (principalmente dentre os adolescentes do sexo masculino).

Entende-se por música popular, aquela que é mais acessível à população. Para Birrer (1983 apud NEDER, 2010), a música popular é de fácil assimilação e se caracteriza também por ser produzida para um público específico. O autor ainda ressalta os fatores tecnológicos e econômicos que cercam os gêneros populares, que envolve tanto a disseminação em massa por diferentes mídias e meios de comunicação, como interesses mercadológicos.

Grande parte da cultura urbana juvenil está relacionada às expressões musicais, um passeio por qualquer grande cidade pressupõe encontros sonoros com o rock, o rap, o pagode, o samba e o funk, entre outras manifestações da música popular massiva (JANOTTI JUNIOR, 2005, p.1).

Segundo levantamento de músicas mais tocadas nas rádios no ano de 2012 realizado pelo ECAD⁶, nove das dez músicas mais pedidas são de gêneros populares como Pagode ou Sertanejo. Estes gêneros são os preferidos de mais de 60% da população brasileira.

Os gêneros musicais menos pontuados foram o Jazz e o Blues. Os estilos igualmente de pouco interesse dos adolescentes foram o Heavy Metal, Punk, Música Clássica, Rock n' Roll e Bossa Nova.

No final do questionário foi perguntado diretamente sobre qual seria o gênero preferido do participante. Neste ponto, poderia ser respondido qualquer gênero, inclusive algum que a Escala de Preferências Musicais não contemplasse. Dentre as 66 respostas levantadas apenas uma foi para um gênero não mencionado anteriormente (Charme) e um participante não respondeu a questão. O gênero apontado como o preferido foi o Rap (23/66), seguido do Funk (18/66) e do Pagode (11/66). Sertanejo Universitário, Reggae e Gospel também foram citados com uma incidência mais baixa (ver GRÁFICO 4).

⁶ <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/Publico/home.aspx>

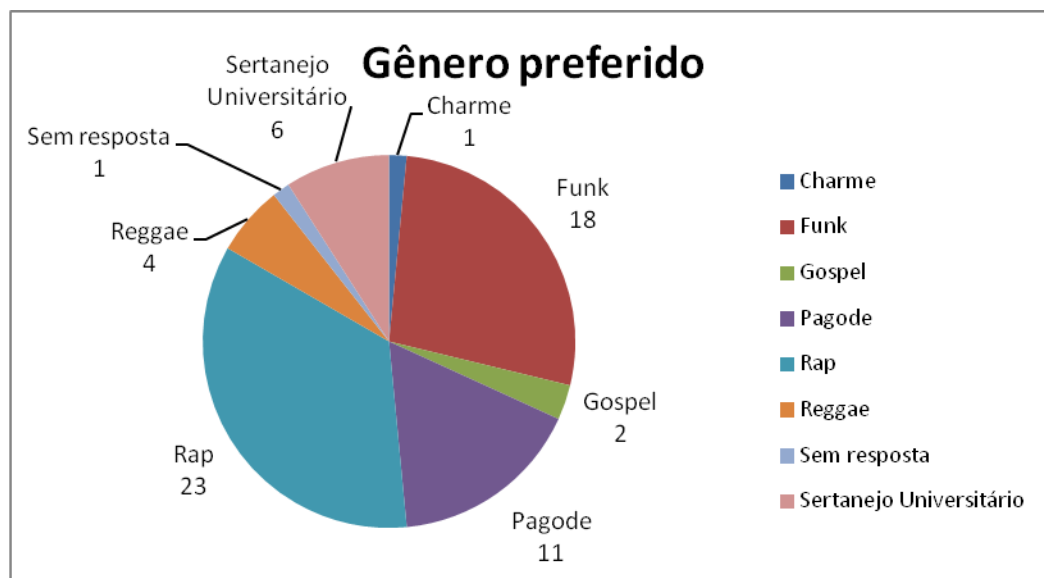


GRÁFICO 4 GÊNERO PREFERIDO

De acordo com Ter Bogt, Keijsers & Meeus (2013), já está comprovado que as preferências musicais influenciam o comportamento adolescente. Ressaltam que músicas “desviantes”, rebeldes e em escutadas em volumes elevados são indicativos de possível comportamento delinquente e abuso de substâncias. Em sua pesquisa, acrescentam e que as “preferências musicais por rock, música negra (African American Music – R&B; rap) e música eletrônica são indicativas de comportamentos desviantes entre menores de idade” (TER BOGT, KEIJSERS & MEEUS, 2013, p.7-8).

Outros pesquisadores, já anteriormente citados (ver CAPÍTULO 3; 3.1-3.2) corroboram com estes resultados. O rock, o rap e o heavy metal costumam estampar com frequência estudos de música e comportamento. Por outro lado, Walser (1993) alerta sobre os problemas desta produção de rótulos sociais. Segundo o autor, as aproximações entre violência e abuso de substâncias são facilmente encontradas ao longo da história do rock (e principalmente do heavy metal), porém, indicativos de pessoas não usuárias de drogas e sem histórico de violência.

Pelaez (2005) e Santos (2007) que realizaram suas pesquisas com adolescentes, tanto em escolas particulares – Pelaez (2005), como na rede municipal de ensino, também atestaram uma preferência musical de jovens por Funk, Rap e Rock. Apesar dos estudos terem sido realizados em Estados diferentes e em realidades sócio-econômico-cultural distintas, a preferência por gêneros

musicais ditos agressivos foi comprovada e não havia nenhum histórico de comportamento desviante relacionado aos participantes.

5.2 OS GÊNEROS MUSICAIS

Neste item são apresentados os resultados de apreciação de cada um dos 25 gêneros musicais avaliados pelos participantes. Os gráficos dos gêneros estão expostos em uma ordem diferente da que foram dispostos no questionário (ANEXO 1). Optou-se por apresentar os resultados agrupando os gêneros por proximidade sonora (por exemplo, Rap/Hip-Hop e Rap/Hip-Hop Brasil que estavam em pontos distantes no questionário, aqui são analisados juntos). Os resultados apresentados satisfazem ao total das notas atribuídas ao gênero, sendo que o total de cada gráfico é 66, que corresponde ao número dos participantes do estudo. No eixo x temos as notas possíveis de serem marcadas (0 = Não Conheço; 1 = Detesto; 2 = Não Gosto; 3 = Mais ou Menos; 4 = Gosto; 5 = Gosto Muito) e no eixo y o número de respostas.

O Pagode aparece como o gênero preferido dos adolescentes do estudo. Praticamente todas as respostas atribuídas ao estilo circulam entre “Gosto” (18) e “Gosto Muito” (46), sendo que apenas dois adolescentes responderam com indiferença ao gênero (ver GRÁFICO 5).

Segundo Amaral (2008), o Pagode é uma releitura do samba que segue modelos de adaptação de práticas de consumo. Em sua análise, comenta que o Pagode foi o responsável pela popularização do Samba dos anos 90. Para que isso fosse possível, o Samba é foi “reformulado, tendo seus aspectos culturais mais singulares simplificados até um ponto no qual qualquer pessoa possa entendê-la (AMARAL, 2008, p.66)”.

Essa popularização do Pagode fica evidente tanto nos resultados apresentados (ver GRÁFICO 5) como nos índices do ECAD⁷, onde aponta o Pagode como o gênero musical mais executado nas rádios do Brasil

⁷ Fonte: <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/Publico/home.aspx>

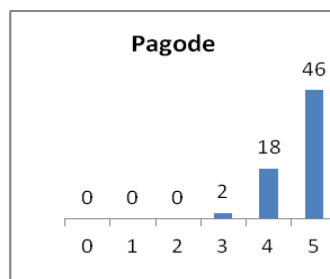


GRÁFICO 5 AVALIAÇÃO PAGODE

O Rap/Hip-Hop foi apontado como um dos gêneros preferidos. Cabe ressaltar que este estilo foi apresentado no questionário com exemplos musicais de língua inglesa (Limp Bizkit, Beastie Boys, Ice T), pois foi os interpretes nacionais do gênero Rap/Hip-Hop Brasil foram apresentados em separado. Todavia, 46 adolescentes atribuíram nota “Gosto” ou “Gosto Muito” para este estilo, 7 não conhecem e apenas 3 participantes pontuaram que não gostam ou detestam o estilo (ver GRÁFICO 6).

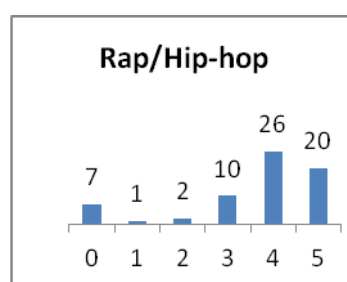


GRÁFICO 6 AVALIAÇÃO RAP/HIP-HOP

O Rap/Hip-Hop é um gênero bastante difundido mundialmente. Segundo Pinto (2004), este gênero musical é considerado um dos mais relevantes da cultura popular contemporânea, um fenômeno social.

Destaca-se que o Rap/Hip-Hop Brasil, apresentado no questionário com interpretes brasileiros, recebeu uma avaliação mais elevada (ver GRÁFICO 7). Segundo gênero preferido dos adolescentes da pesquisa, obteve 60 respostas favoráveis (“Gosto” – 14; “Gosto Muito” – 46).

Apesar de pesquisadores como Ter Bogt, Keijsers & Meeus (2013) relacionarem o Rap com delinquência, outros pesquisadores apresentam aproximações diferentes. O Rap e a cultura Hip-Hop tem ganhado espaço entre diversos estudiosos no Brasil (PINTO, 2004). O gênero foi inserido na cultura brasileira com peculiaridades distintas do Rap americano.

Seu protesto contra a pobreza, a perseguição e o preconceito tem sido muitas vezes incorporado por outros grupos ou indivíduos que

experimentam situações de opressão ou discriminação. Assim, embora a prática do gênero esteja nas periferias dos grandes centros urbanos, é apreciado por um público mais amplo (PINTO, 2004, p.2).

Segundo Gumes (2004, p.10) “centros urbanos brasileiros abrigaram a cultura do hip hop como a voz da resistência contra o sistema que oprime moradores das periferias. O hip-hop é a cultura por excelência para ilustrar essa nova juventude”. Para Gumes (2004), a cultura hip-hop é uma manifestação da identidade juvenil das periferias e dos centros urbanos, onde os modos de viver são transformados em música (rap), dança (break) e artes plásticas (grafite).

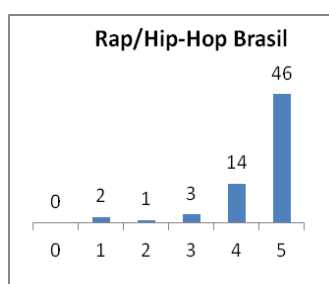


GRÁFICO 7 AVALIAÇÃO RAP/HIP-HOP BR

O Funk Carioca (ver GRÁFICO 8) também aparece como um dos gêneros preferidos dos participantes. Dos 66 adolescentes do estudo, 59 assinalaram o estilo com “Gosto” (16) ou “Gosto Muito” (43).

Segundo Sá (2007), o Funk Carioca é um gênero que oscila entre a demonização e a valorização. Desde o seu surgimento na década de 70 até hoje, sofre preconceito devido a “sua origem junto aos jovens negros, mulatos e pobres que habitam os subúrbios e as favelas cariocas (SÁ, 2007, p.3)”. Ressalta ainda, outros motivos para a discriminação e estereotipização do gênero devido ao conteúdo de suas letras que possuem duplo sentido e conteúdo erótico, ou ainda retratam as questões do cotidiano das favelas e dos bairros de periferia.

A autora atenta ao fato da hiperpopularização do gênero e defende seu reconhecimento como música eletrônica popular brasileira. Atualmente, o gênero ganhou a preferência de muitos jovens em todo o país, tendo, inclusive, participação em importantes festivais de música no Brasil (TIM Festival, 2003, 2005 e 2007, com o MC Marlboro).

Entretanto, a nacionalização do funk e a sua consolidação como expressão dos subúrbios e favelas cariocas não implica em reconhecimento cultural ampliado. Pelo contrário. Foi justamente durante estes anos de consolidação que o funk sofreu a maior perseguição e estigma da mídia, da

polícia e dos formadores de opinião, que acenaram reiteradamente com argumentos do pânico moral para analisar o fenômeno (SÁ, 2007, p.11).

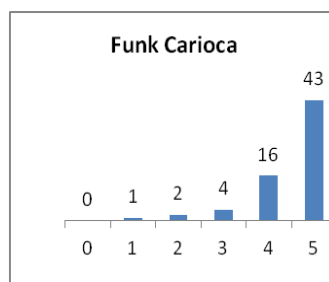


GRÁFICO 8 AVALIAÇÃO FUNK CARIOCA

O gênero Sertanejo (ver GRÁFICO 9) obteve uma pontuação inferior em relação a sua releitura atual, o Sertanejo Universitário (ver GRÁFICO 10). Ambos os gêneros são conhecidos por praticamente todos os participantes – apenas um adolescente não conhece o Sertanejo Universitário. A música Sertaneja alcançou valores equilibrados entre “Gosto Mais ou Menos” (17), “Gosto” (17) e “Gosto Muito” (16). Já o Sertanejo Universitário atingiu 42 marcações entre “Gosto” (20) e “Gosto Muito”, evidenciando-se com um dos 5 gêneros preferidos dos adolescentes do estudo.

Segundo Zan (2008), a música sertaneja é oriunda da música caipira. Remete ao Brasil do século XVII, da região Centro-Sul do país onde viviam sítiantes e ruralistas. Com o passar dos anos, o desenvolvimento do capitalismo, acompanhado pela industrialização e do êxodo rural, a música caipira foi se transformando. Novas roupagens híbridas foram inseridas para agradar um público cada vez maior. Assim, elementos da música romântica, da música country americana e mais tarde do pop foram agregados no gênero (BASTOS, 2009).

Apesar das aproximações que o universo sertanejo tem da cultura country, as pesquisas sobre preferências musicais e adolescência levantadas neste estudo (ver CAPÍTULO 3), não mencionam este gênero.

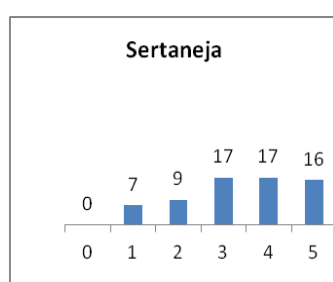


GRÁFICO 9 AVALIAÇÃO SERTENEJA

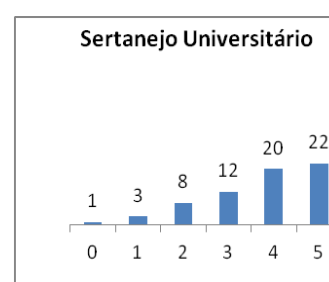


GRÁFICO 10 AVALIAÇÃO SERT. UNIV.

Desconhecido por 35 dos 66 adolescentes do estudo, o Heavy Metal não aparece como um dos gêneros preferidos da amostra. A nota máxima possível – “Gosto Muito” – foi atribuída apenas por um dos participantes (ver GRÁFICO 11).

Diferente do que muitas pesquisas apontam (ver CAPÍTULO 3.2), as aproximações por uma preferência musical pelo heavy metal e comportamento desviante não foram observadas no presente estudo. Além de ser um gênero desconhecido pelos adolescentes da pesquisa, a maioria dos que conhecia o gênero não aprecia-o. Para Leite Lopes (2009), a cultura heavy metal abrange um público específico no Brasil. A forte influência e proximidade da cultura de língua inglesa exige, de modo geral, um nível sócio-econômico-cultural mais elevado. Aponta que os apreciadores do gênero costumam ter educação musical formal e conhecimento de língua inglesa.

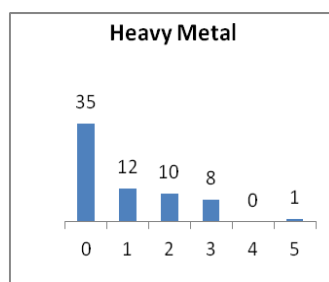


GRÁFICO 11 AVALIAÇÃO HEAVY METAL

O Punk/Hard Core também não está dentre os estilos preferidos dos participantes do estudo (ver GRÁFICO 12). Praticamente a metade dos adolescentes não conhecem o gênero (31) e a outra metade (30) não gosta (11) ou detesta (19). Cabe ressaltar que os exemplos musicais listados no questionário eram todos de língua inglesa (Ramones, NOFX, Dead Kennedys, Circle Jerks, Pennywise).

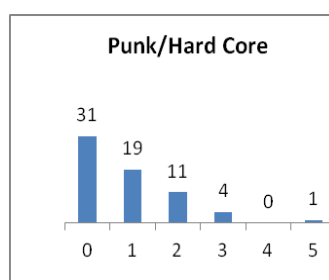


GRÁFICO 12 AVALIAÇÃO PUNK/HARD CORE

Gênero que aparece em diversos estudos (ver CAPÍTULO 3) como uma influência negativa aos jovens, o Rock (ver GRÁFICO 13) não constituiu um dos estilos preferidos pelos participantes. Dos 66 adolescentes do estudo, 44 destestam (23) ou não gostam (21) de rock. Nesta opção, foram apresentados apenas interpretes internacionais (Aerosmith, Pearl Jam, Queens of the Stone Age, The Strokes). Todavia, o Rock Brasil (ver GRÁFICO 14), onde foram apresentados exemplos como Legião Urbana, Barão Vermelho, Skank e Nando Reis, também não foi um gênero muito apreciado pelos participantes. A maioria das respostas pontua negativamente o estilo (“Detesto” – 17; “Não Gosto” – 18).

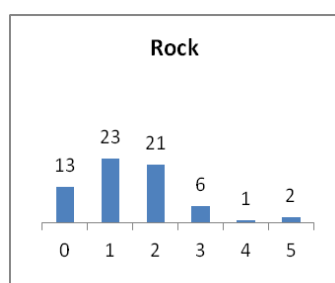


GRÁFICO 13 AVALIAÇÃO ROCK

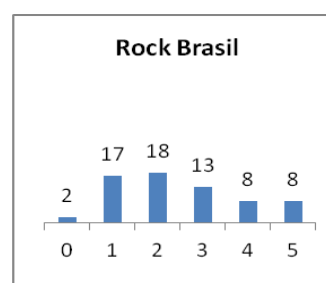


GRÁFICO 14 AVALIAÇÃO ROCK BR

O Rock n’Roll (ver GRÁFICO 15), assim com a maioria das variantes do rock, não obteve uma pontuação favorável. Desconhecido para 26 dos adolescentes, 35 dos que conheciam o estilo não demonstraram apreço por ele (“Detesto” – 21; “Não Gosto” – 14). Cabe ressaltar que os exemplos apresentados eram todos de interpretes internacionais (Chuck Berry, Elvis Presley, Little Richard).

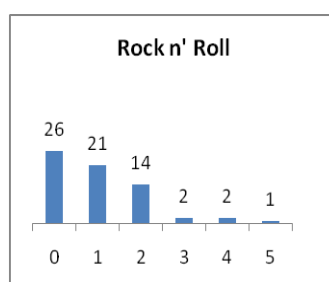


GRÁFICO 15 AVALIAÇÃO ROCK N’ ROLL

Compondo um dos gêneros preferidos entre os participantes, o Reggae (ver GRÁFICO 16) atingiu 48 respostas entre “Gosto” (16) e “Gosto Muito” (32). Cabe ressaltar que os exemplos apresentados no questionário eram tanto de interpretes

nacionais como internacionais (Bob Marley, Peter Tosh, Tribo de Jah, Cidade Negra).

Gênero de origem jamaicana, que ganhou notoriedade internacional no final dos anos 60. Apesar de ser muitas vezes marginalizado e relacionado ao consumo de maconha (PIMENTEL, 2004), o Reggae no Brasil está diretamente ligado à importantes interpretes da MPB. Segundo Maia e Capdeville (2008), o gênero entra no país por influência de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Luís Melodia e ganha o público jovem com a sonoridade dos Paralamas do Sucesso, um dos precursores do gênero no Brasil.

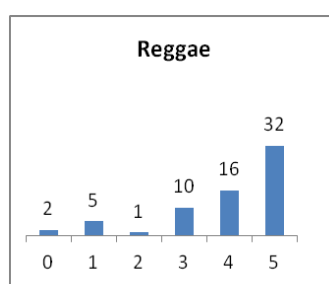


GRÁFICO 16 AVALIAÇÃO REGGAE

Sem muita representação dentre os adolescentes da pesquisa, o Forró obteve uma pontuação equilibrada entre todas as respostas do questionário. Cabe ressaltar que apenas 3 participantes não conheciam o gênero (ver GRÁFICO 17). Já o Samba, com 38 respostas entre “Gosto” (14) e “Gosto Muito” (24), foi o sexto gênero preferido entre os participantes (ver GRÁFICO 18).

Na pesquisa de Pimentel (2004), o Forró foi um dos gêneros acrescidos no questionário devido a sua influência cultural no Estado da Paraíba, onde realizou sua pesquisa. As diferenças culturais e, desta forma, as influências que cada gênero musical estabelece com o meio podem ser percebidos a partir da avaliação que este gênero recebeu no presente estudo, realizado no Estado do Rio Grande do Sul.

Assim como, as preferências musicais dos estudos realizados nos Estados Unidos e na Europa, as pesquisas sítidas em diferentes Estados dentro do Brasil também apresentam resultados distintos.

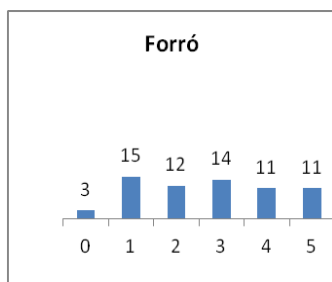


GRÁFICO 17 AVALIAÇÃO FORRÓ

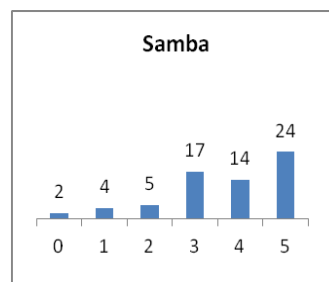


GRÁFICO 18: AVALIAÇÃO SAMBA

Sem muita popularidade entre os participantes da pesquisa, o Axé foi o gênero que obteve o maior número de respostas “Mais ou Menos” da pesquisa (ver GRÁFICO 19).

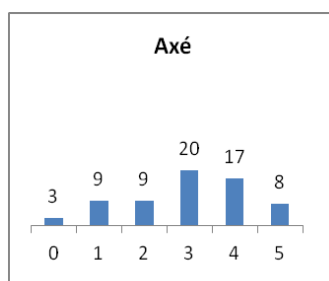


GRÁFICO 19 AVALIAÇÃO AXÉ

Pouco expressivo dentre os participantes, a Música Eletrônica também, assim como o Forró, obteve respostas equilibradas entre os adolescentes (ver GRÁFICO 20).

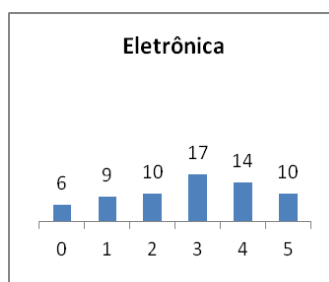


GRÁFICO 20: AVALIAÇÃO MÚSICA ELETRÔNICA

A Música Clássica (ver GRÁFICO 21) foi um dos gêneros menos pontuados. A resposta mais expressiva foi “Não Conheço” (26), seguida de 35 respostas negativas em relação ao estilo (“Destesto” – 21 e “Não Gosto” – 14).

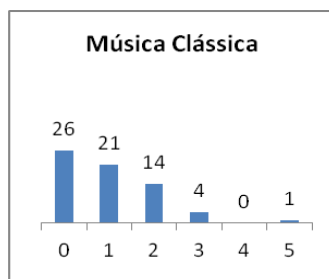


GRÁFICO 21 AVALIAÇÃO MÚSICA CLÁSSICA

A Música Religiosa obteve respostas equilibradas entre os adolescentes. Não apresentou dados representativos para nenhuma das respostas possíveis do questionário (ver GRÁFICO 22).

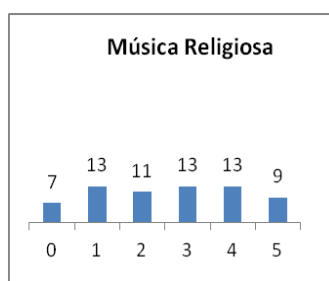


GRÁFICO 22 AVALIAÇÃO MÚSICA RELIGIOSA

A Música Popular Brasileira não aparece como uma das preferências dos adolescentes do estudo. Dos 66 participantes, 21 não conhecem o gênero, 24 detestam ou não gostam e 16 são indiferentes ao estilo (ver GRÁFICO 23).

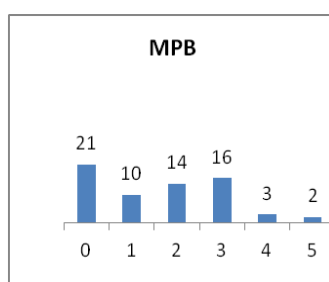


GRÁFICO 23 AVALIAÇÃO MPB

Apontados como os dois gêneros musicais mais desconhecidos dentre os participantes da pesquisa, o Jazz (ver GRÁFICO 24) e o Blues (ver GRÁFICO 25) são conhecidos por uma parcela muito pequena dos adolescentes do estudo. Os poucos que conhecem os estilos também não apreciam-os. A Bossa Nova (ver

GRÁFICO 26) também não aparece como um gênero pertencente a cultura dos adolescentes do estudo.

Cabe ressaltar que a escola estadual que todos os adolescentes da pesquisa frequentam chama-se Escola Estadual Tom Jobim⁸.

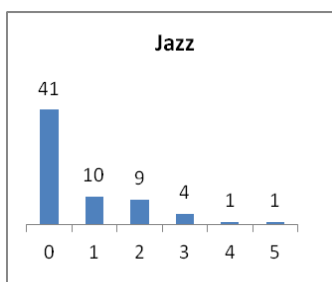


GRÁFICO 24 A. JAZZ

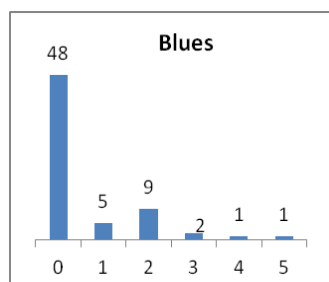


GRÁFICO 25 A. BLUES

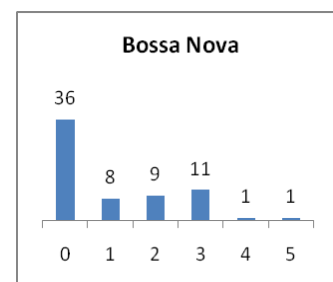


GRÁFICO 26 A. BOSSA NOVA

Pop Rock (ver GRÁFICO 27) e Pop Music (ver GRÁFICO 28) também obtiveram avaliações pouco expressivas, sendo a resposta neutra – gosto mais ou menos – a de maior frequência. Entretanto, a Pop Music ainda ficou com uma pontuação melhor que o Pop Rock. Ambos os gêneros dispunham de exemplos de intérpretes nacionais e internacionais.

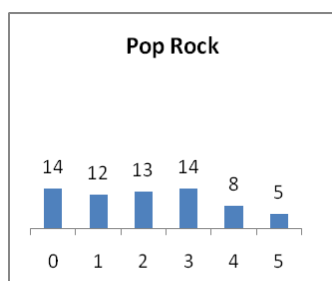


GRÁFICO 27 AVALIAÇÃO POP ROCK

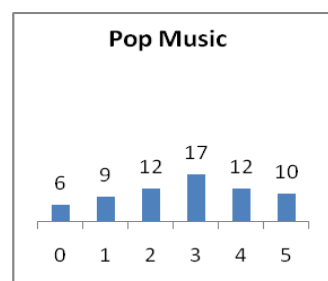


GRÁFICO 28 AVALIAÇÃO POP MUSIC

Trilhas era a única opção do questionário que não constitui um gênero específico. Representa uma compilação de músicas, em geral de maior exposição na mídia. Obteve uma avaliação elevada, mas a resposta mais frequente foi indiferente (ver GRÁFICO 29).

⁸ http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/noticias_det.jsp?PAG=676&ID=1758

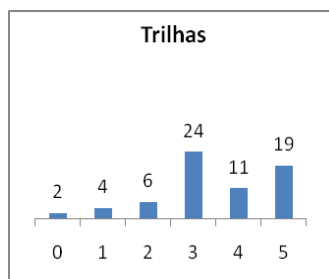


GRÁFICO 29 AVALIAÇÃO TRILHAS

5.3 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS

Os gráficos desta sessão evidenciam as avaliações atribuídas aos gêneros. Os dados estão separados pelas variáveis medidas no estudo (Não Conheço; Detesto; Não Gosto; Mais ou Menos; Gosto; Gosto Muito) e organizadas em ordem decrescente. No eixo x estão os gêneros musicais e no eixo y o número de participantes, sendo o máximo que um gênero poderia receber é 66 (66 = número total de participantes).

Observa-se que os gêneros mais desconhecidos são aqueles que não tem uma representatividade expressiva na cultura popular. Com exceção da Bossa Nova, os sete estilos menos conhecidos tem poucos representantes brasileiros conhecidos e aqueles que são mais reconhecidos, em geral, é no cenário internacional, por exemplo, grupos de rock brasileiros como Angra e Sepultura⁹ (ver GRÁFICO 30).

⁹ <http://www.educacional.com.br/reportagens/mpb/parte-04.asp>

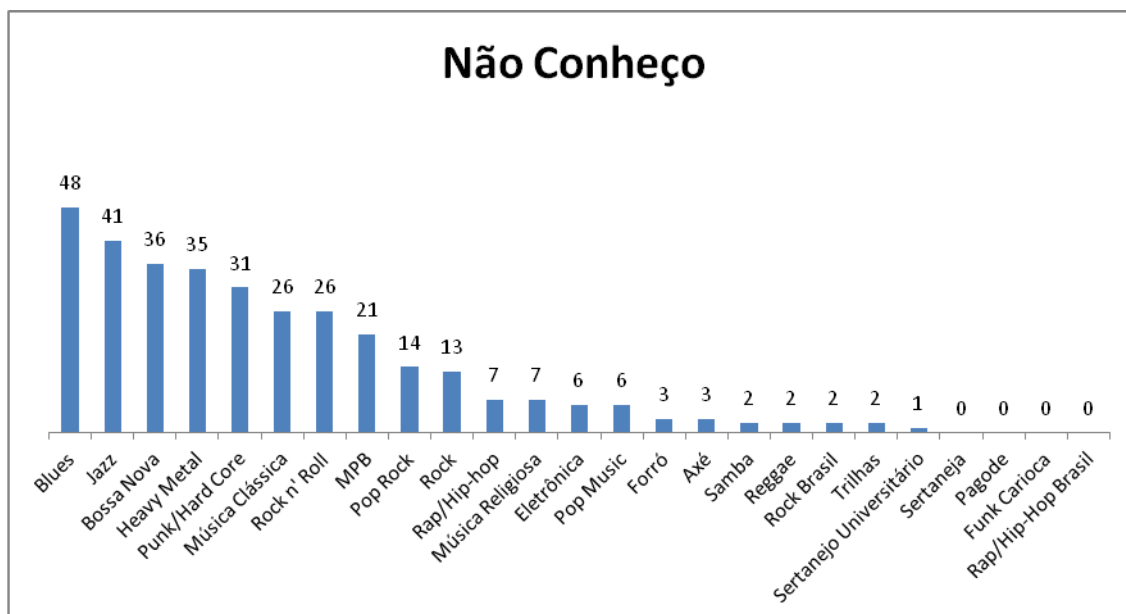


GRÁFICO 30 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A NÃO CONHEÇO

Os gêneros menos apreciados pelos participantes da pesquisa, tanto nas respostas “Detesto” (ver GRÁFICO 31) como “Não Gosto” (ver GRÁFICO 32), são variantes do rock. Música Clássica e MPB também aparecem como estilos que não estão dentre as preferências levantadas.

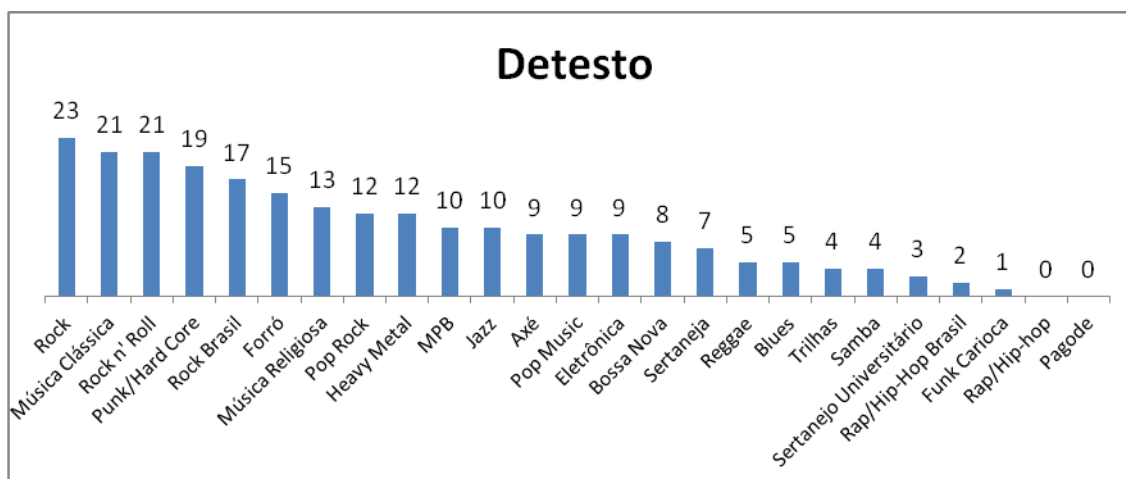


GRÁFICO 31 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A DETESTO



GRÁFICO 32 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A NÃO GOSTO

A resposta “Mais ou Menos” possibilitava ao participante da pesquisa se posicionar de forma neutra em relação a um gênero musical. Trilhas de novelas aparece com o maior número de apontamentos, mas também é onde encontramos sempre uma coletânea musical (ver GRÁFICO 33).

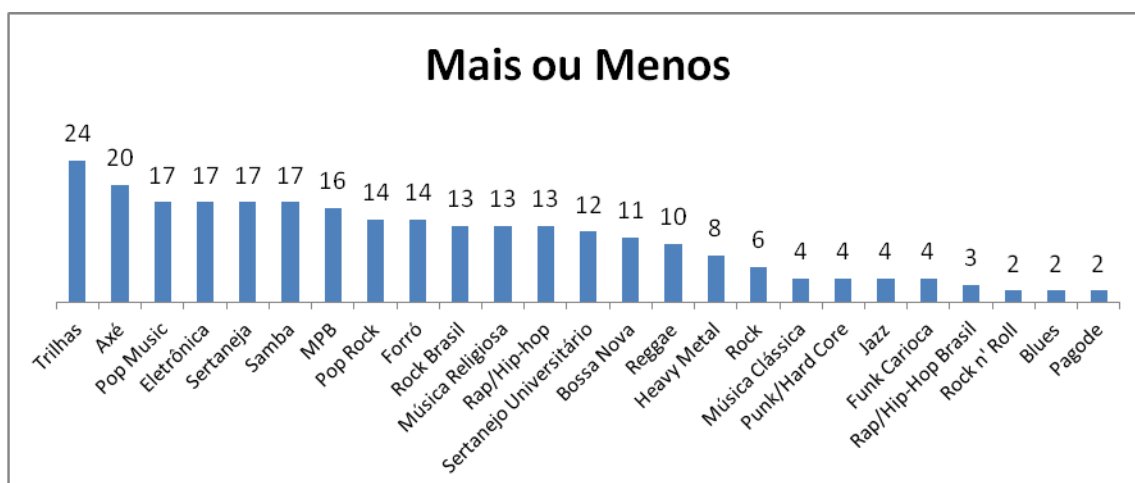


GRÁFICO 33 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A MAIS OU MENOS

Dentre os gêneros preferidos, tanto os com respostas “Gosto” (ver GRÁFICO 34) como “Gosto Muito” (ver GRÁFICO 35), encontramos estilos de música popular.

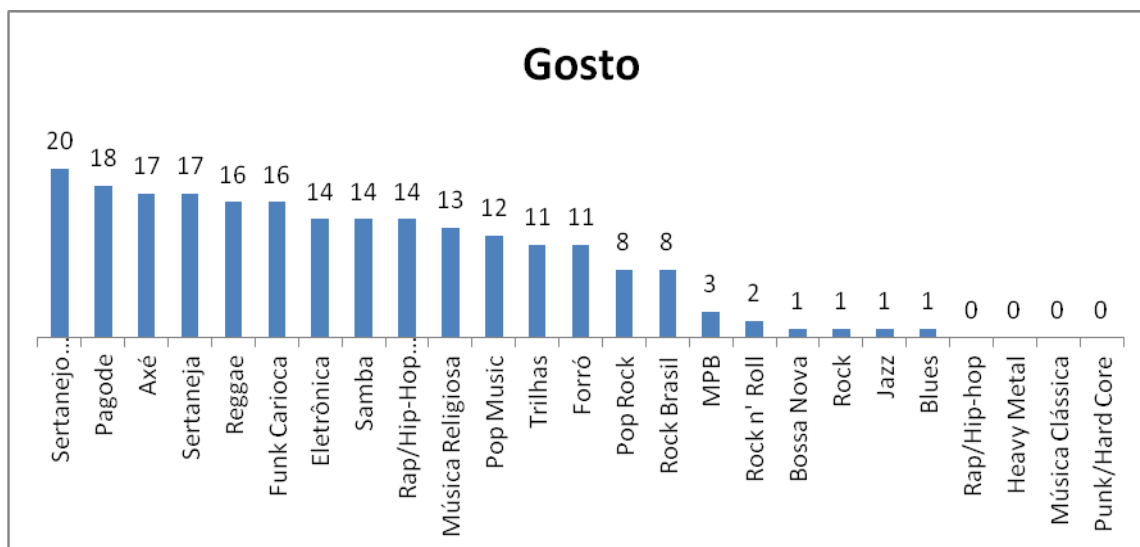


GRÁFICO 34 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A GOSTO

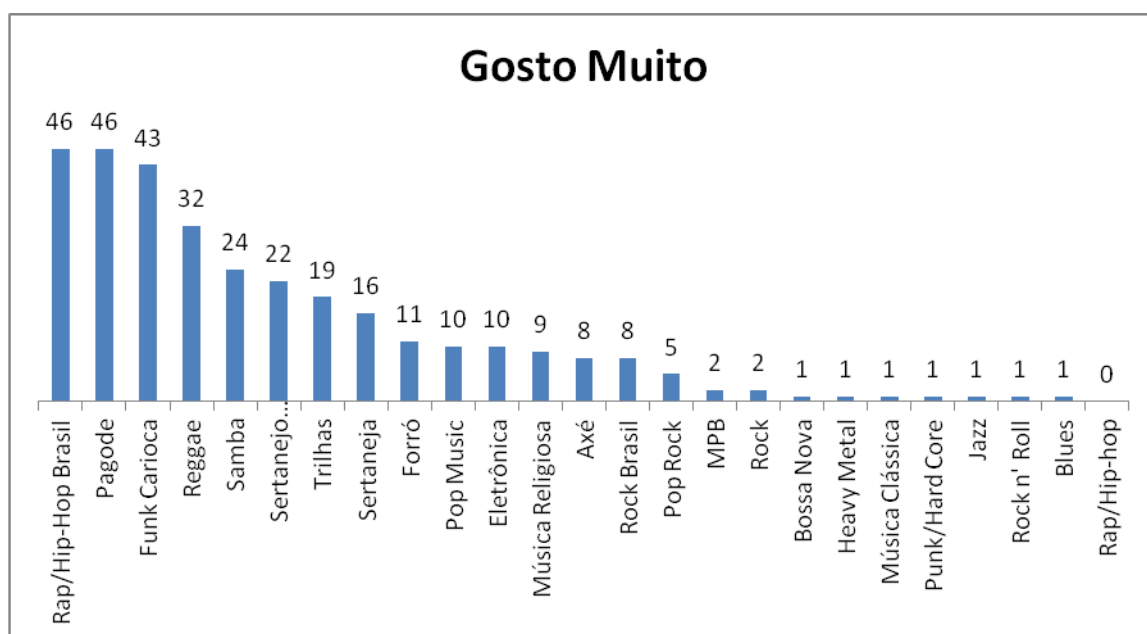


GRÁFICO 35 RESPOSTAS ATRIBUÍDAS A GOSTO MUITO

5.4 RELAÇÕES COM A MÚSICA

Para levantar alguns breves aspectos sobre as relações que os adolescentes têm com a música foram realizadas duas perguntas específicas no questionário. Foram elas, *quantas horas você escuta de música por dia?* e *você considera que a música influencia a sua vida?* (ver APÊNDICE 1).

Apesar de 9 adolescentes não terem respondido esta pergunta, a maioria dos participantes respondeu que escuta música durante as 24 horas do dia. Claro que sabemos que isto não é possível, todavia, é um indicativo de que a música ocupa o máximo de tempo disponível da rotina (ver GRÁFICO 36). Conforme Pereira (2010), a música está presente em muitas atividades da rotina dos adolescentes e é um fenômeno representativo e significativo na vida dos jovens. Quando um adolescente menciona escutar música durante 24 horas, sugere que este preenche grande parte do seu tempo ouvindo música, considerando esta uma de suas principais atividades de lazer (SANTOS, 2007; PALHEIROS, 2006). Para Schäfer (2008), é na adolescência que a música chega ao seu auge de significado na vida do indivíduo.

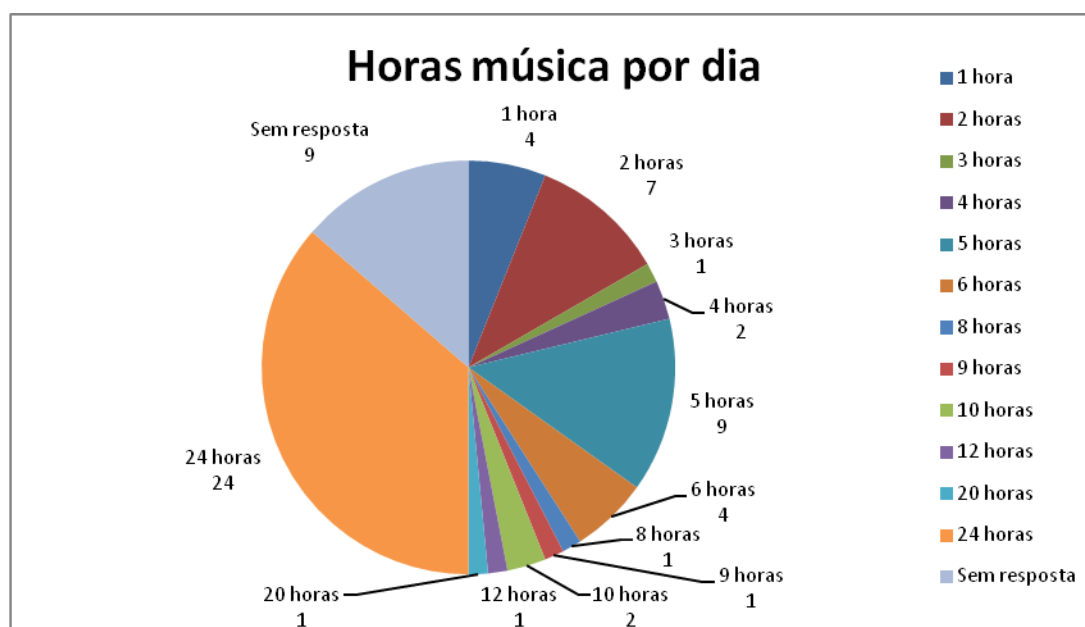


GRÁFICO 36 QUANTAS HORAS VOCÊ ESCUTA DE MÚSICA POR DIA?

Quanto à influência que a música exerce na vida dos adolescentes, 48 dos 66 participantes apontaram positivamente para esta relação (ver GRÁFICO 37). Esta influência da música na vida do adolescente já foi observada por diversos pesquisadores (PALHEIROS, 2006; SANTOS, 2007; SELFHOUT, 2009; PEREIRA, 2010). A música revela diversos discursos durante a adolescência, podendo ser uma válvula de escape para os problemas pessoais, uma representação de desejos ou ainda uma referência de um estilo de vida. A escuta musical, sendo esta realizada individualmente ou em grupo, vai ser singularizada de forma pessoal. Conforme

Hargreaves (1985), a escolha musical e sua escuta ocorrem de forma variada, podendo ser ativa, passiva e ainda, com diferentes intensidades.

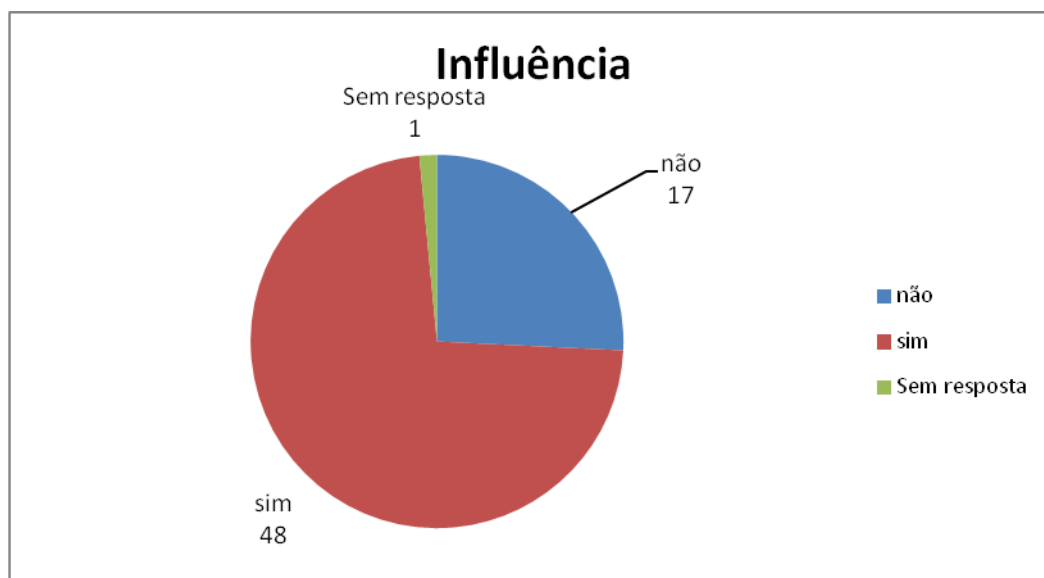


GRÁFICO 37 VOCÊ CONSIDERA QUE A MÚSICA INFLUENCIA A SUA VIDA?

No cruzamento das questões sobre *qual o seu gênero musical preferido e você considera que a música influencia a sua vida*, foi gerado o gráfico 38. Neste, observa-se que o participante que mencionou o Charme como seu gênero musical preferido, não considera que a música tenha alguma influência na sua vida. Quanto ao Funk, dos 18 adolescentes que o apontaram como favorito, 13 consideram que ele influencia a suas vidas e 5 que não. Os dois adolescentes que preferem o Gospel aos demais gêneros consideram-se influenciados pela música. O Pagode apresentou o resultado mais equilibrado: dos 11 participantes que o elegeram, 6 consideram-se influenciados, 1 não respondeu e 4 não sentem-se influenciados. O Rap, gênero que apareceu como o preferido dos adolescentes quando questionado diretamente, também apresentou uma incidência alta de influência na vida dos adolescentes. Dentre os 23 participantes que apontaram o Rap como preferido, 19 consideram-se influenciados pela música e 4 não. Quanto aos que marcaram o Reggae como preferido, 3 adolescentes se consideram influenciados pela música e 1 não sente esta influência na sua vida. Dos 6 adolescentes que preferem o Sertanejo Universitário aos demais gêneros, 5 apontam para uma influência e 1 desconsidera esta relação. Um dos adolescentes que respondeu o questionário não

mencionou nenhum gênero como preferido também não considera que a música influencia a sua vida (ver GRÁFICO 38).

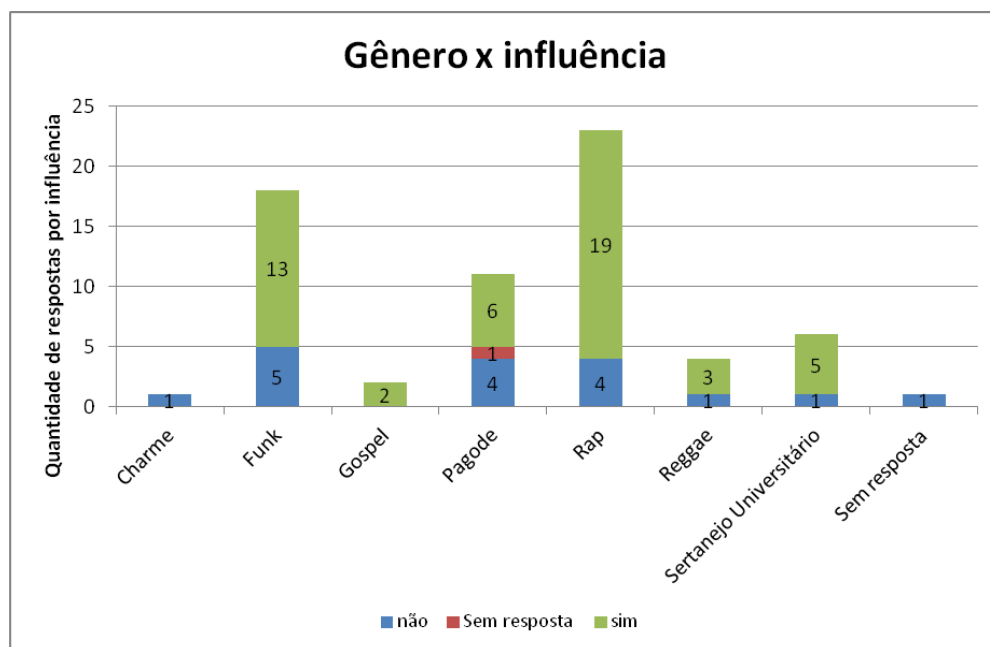


GRÁFICO 38 CRUZAMENTO DAS RESPOSTAS DE GÊNERO PREFERIDO X INFLUÊNCIA DA MÚSICA.

A seguir, foi relacionado o gênero apontado como o preferido com a presença ou não da influência da música e as horas que dedica ao exercício de escutar música.

Foram 23 adolescentes que apontaram o Rap como seu gênero musical preferido. Como mencionado anteriormente, a maioria destes considera que a música influencia a suas vidas. Neste novo gráfico (ver GRÁFICO 39), observa-se que 12 adolescentes escutam de 1 à 6 horas de música por dia, sendo que 10 sentem-se influenciados pela música e 2 não; 10 dedicam o máximo de tempo disponível do seu dia para escutar música (de 20 à 24 horas), sendo que 8 apontam para uma influência da música e 2 não. Apenas um participante revelou que considera que a música influencia a sua vida, mas não respondeu a questão sobre a quantidade de horas que dedica para escutar música durante o dia.

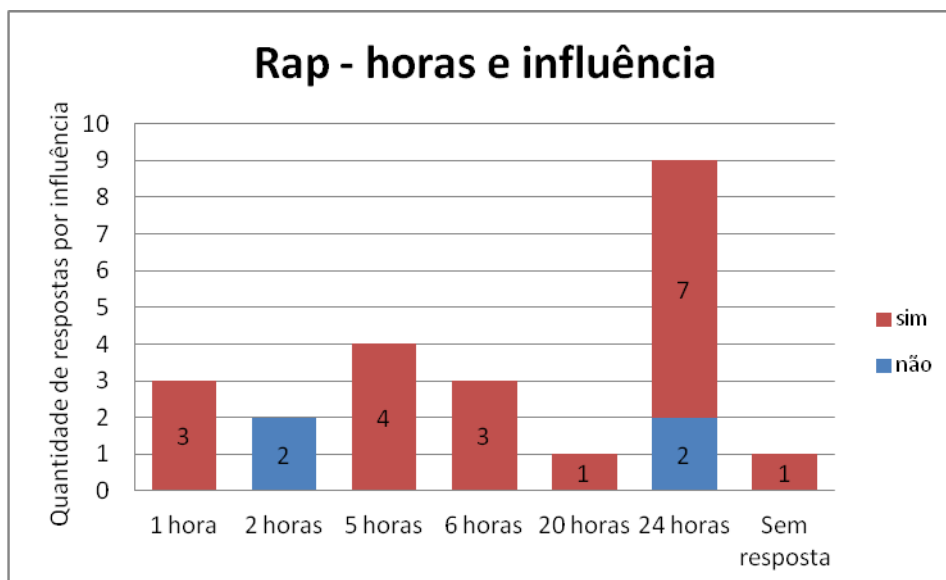


GRÁFICO 39 GÊNERO PREFERIDO: RAP - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

Dos 18 adolescentes que preferem Funk, 8 deles revelam que dedicam uma grande parte do seu dia para escutar música, 24 horas, sendo que 7 consideram-se influenciados pela música e apenas um não. Os demais, alternaram entre respostas variadas (ver GRÁFICO 40).

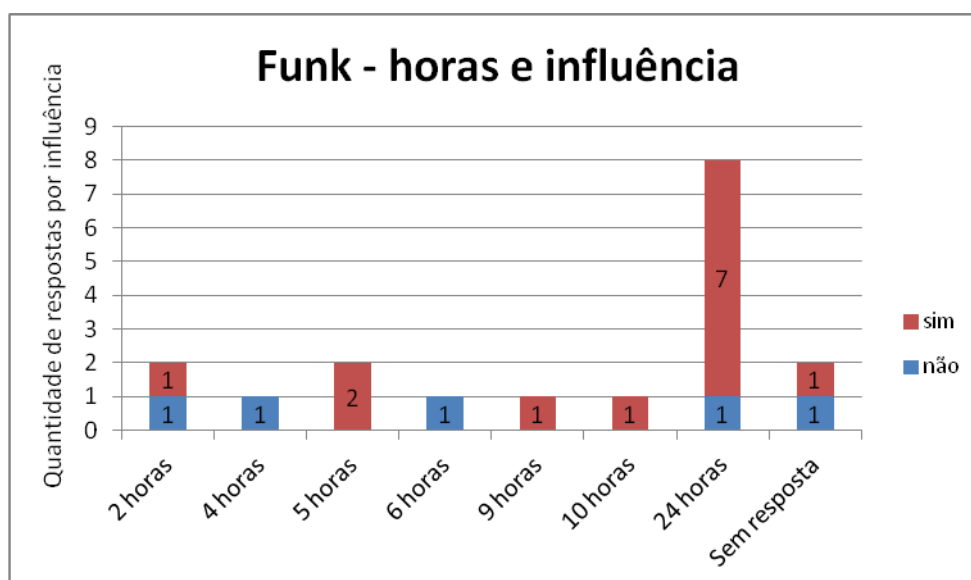


GRÁFICO 40 GÊNERO PREFERIDO: FUNK - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

O cruzamento das respostas do gênero Pagode como preferido, influência da música e tempo que escuta de música por dia foram dispersas (ver GRÁFICO 41).

Não se observou nenhuma aproximação já que a maioria das respostas obteve apenas uma resposta em cada. O mesmo aconteceu com o Sertanejo Universitário (ver GRÁFICO 42) e com o Reggae (ver GRÁFICO 43).

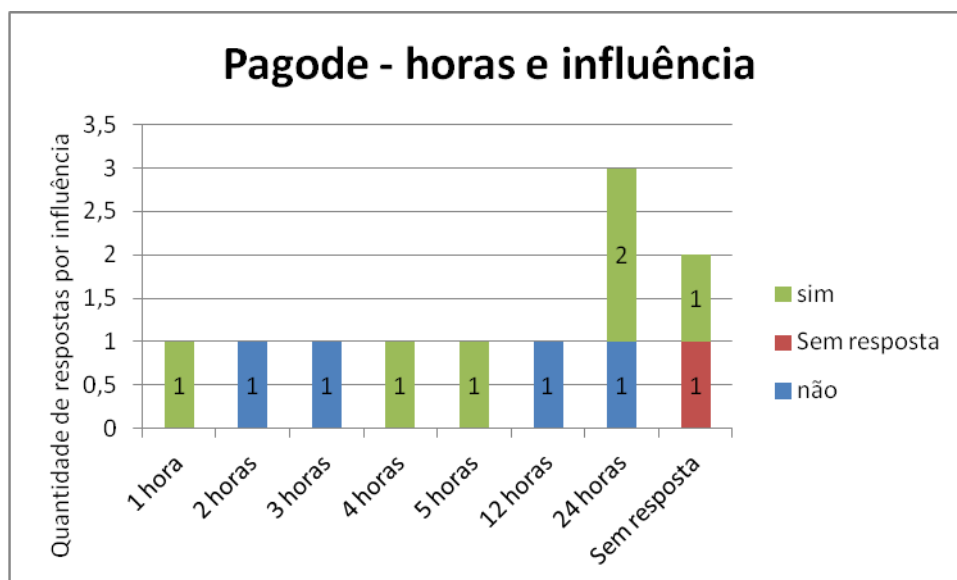


GRÁFICO 41 GÊNERO PREFERIDO: PAGODE - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

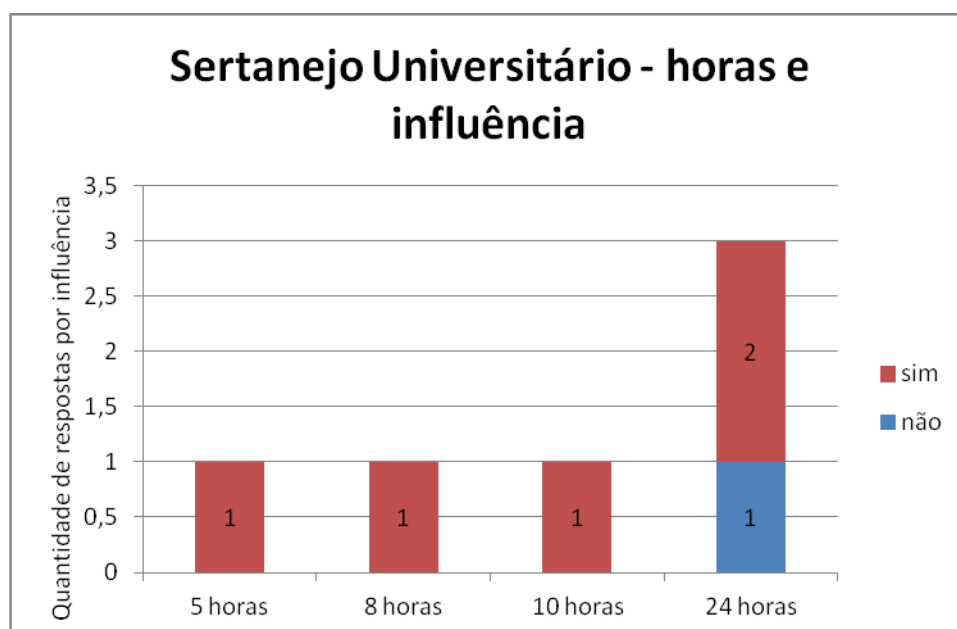


GRÁFICO 42 GÊNERO PREFERIDO: SERTANEJO UNIVERSITÁRIO - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

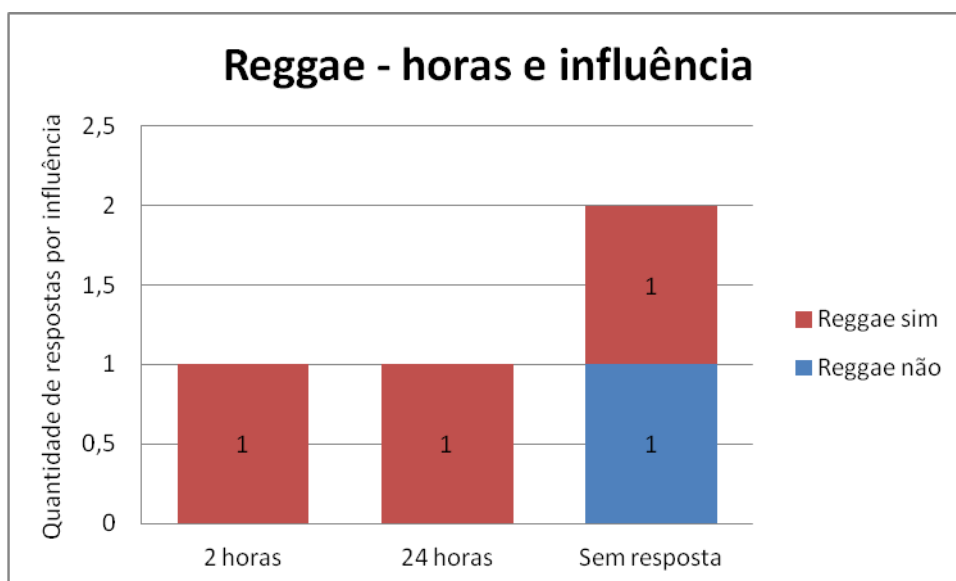


GRÁFICO 43: GÊNERO PREFERIDO: REGGAE - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

Apenas 2 adolescentes marcaram o Gospel como seu gênero preferido, apesar de ambos sentirem-se influenciados pela música. A relação com as horas de escuta não evidenciou-se como um dado expressivo (ver GRÁFICO 44). Da mesma forma, as relações estabelecidas para o Charme (ver GRÁFICO 45).

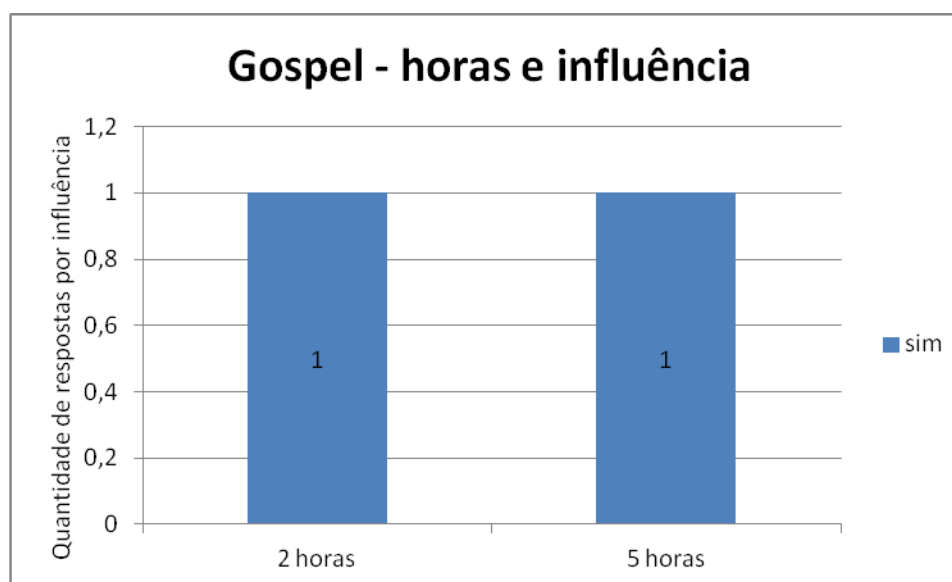


GRÁFICO 44 GÊNERO PREFERIDO: GOSPEL - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

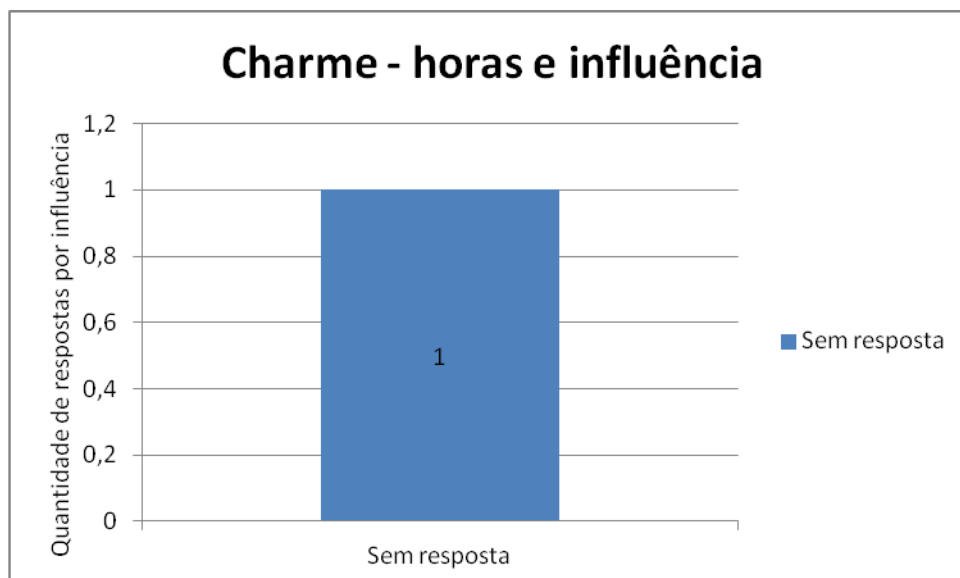


GRÁFICO 45 GÊNERO PREFERIDO: CHARME - RELAÇÃO EM HORAS DE ESCUTA E INFLUÊNCIA DA MÚSICA

A partir dos resultados apresentados, principalmente do cruzamento entre gênero preferido e influência da música na vida dos adolescentes, pode-se levar uma série de hipóteses.

Por um lado, de acordo com estudos que estabelecem relações próximas entre o comportamento delinquente e preferências musicais por Rap, Rock, Heavy Metal, Punk e Funk, tais aproximações são possíveis de serem confirmadas. Porém, estas aproximações constituem uma validação de um estereótipo sem preocupar-se com os motivos ou efeitos que um gênero musical influencia a vida de uma pessoa e seu comportamento. Como ressalta Schell & Westefeld (apud PIMENTEL, 2005), a música não é a causa de nenhum comportamento desviante, como atos de delinquência ou mesmo abuso de substâncias. Corroborando com este posicionamento, Walser (1995) ressalva que apreciadores de qualquer gênero musical podem apresentar qualquer tipo de comportamento.

Muitos outros fatores podem estar envolvidos na criação deste estereótipo musical. Janotti Junior et al (2011) alerta que cada gênero musical segue um rótulo de expectativas e convenções econômicas, semióticas, além de técnicas e formais. Cada gênero é envolvido em relações de direcionamento de público e suas relações de consumo, além dos processos de produção difusão e audição do mesmo. Sá (2007), em estudos sobre o Funk Carioca, observa que apesar do aumento do reconhecimento e divulgação do gênero, ele segue como “underground”, uma vez

que as grandes gravadoras não tem interesse neste segmento consumidor. Da mesma forma, as letras de gêneros como Funk e o Rap são direcionadas a uma população, dificultando a circulação desses estilos e reforçando a estereotipização de seus apreciadores. Janotti Junior et al (2011) ainda aponta para convenções de execução e performance dos artistas, além de instrumentos que são permitidos a cada estilo.

Outra questão possível de ser analisada é a influência da cultura. Como Delsing et al (2008) observa, estudos realizados em países diferentes vão revelar resultados distintos. Cada localidade vai singularizar um gênero musical de acordo com as condições de possibilidades presentes no seu meio. Isso não significa que temos culturas mais fortes ou melhores que as outras, apenas a ponta para formas de subjetivação distintas. Por exemplo, Tekman (2009, p. 593) ao realizar sua pesquisa na Turquia, os dados coletados foram diferentes dos apresentados nas pesquisas realizadas em países da Europa ocidental, formando seus próprios “clusters independentes”.

Pimentel (2005) já havia ressaltado a importância de cada gênero musical em relação à cultura local quando realizou a primeira adaptação da Escala de Preferência Musical (EPM). Na ocasião de sua pesquisa, assinalou a importância de inserir o Forró no instrumento de coleta de dados, uma vez que realizou seu estudo na Paraíba, onde o gênero é amplamente apreciado.

Já no presente estudo, o Forró não obteve o mesmo apreço (ver GRÁFICO 13).

Janotti Junior (2005, p.4) ultrapassa as relações e influências da cultura e afirma que “as tessituras urbanas são importante mediadoras da produção de sentido da música contemporânea”, sendo assim, além da propriedade sonora, as configurações territoriais vão ajudar a construir as relações imaginárias ao redor de um gênero musical.

Além disso, uma parte do consumo musical pressupõe os modos de habitar o espaço urbano. Compreender a música popular massiva significa ligá-la ao tecido coletivo, à reorganização das formas do habitar, do trabalhar e do brincar presente nos imaginários que cercam as cidades contemporâneas.

Aqui, observa-se a emergência de cenários contraditórios que expressam ao mesmo tempo a hegemonia de algumas paisagens sonoras (Salvador e axé music, Rio de Janeiro e o samba enredo, Barretos e a música sertaneja, São Luiz e o reggae) e um cenário tenso-fragmentário caracterizado pela

existência de sonoridades diferenciadas no imaginário da cidade.(JANOTTI JUNIOR, 2005, p.5)

Como comenta Palheiros (2006), são inúmeros fatores que vão determinar uma preferência musical.

(..) características da música, como elementos musicais, estilo e interpretação (instrumentos, intérpretes), complexidade e familiaridade (repetição), caráter emocional (emoções da música e estados emocionais que a música pode suscitar); características pessoais, como idade, sexo, nacionalidade, estatuto socioeconômico, personalidade, formação musical; e fatores extramusicais, como o contexto social (situação de audição), agentes de socialização (família, amigos, professores) efeitos de grupo (conformidade e prestígio, por exemplo) e aculturação (meio musical). (PALHEIROS, 2006, p.330-331)

Contudo, as peculiaridades do jovem também evidenciam resultados interessantes. Segundo Gumes (2004, p. 7), o adolescente “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Constitui-se um sujeito atravessado por uma multiplicidade de representações e sistemas culturais, confrontado por uma multiplicidade desconcertante e mutável de identidades possíveis, com cada uma das quais pode se identificar, ao menos temporariamente. É neste ambiente múltiplo que o jovem vai desenvolver-se, somando os elementos da cultura musical jovem com as novas identidades para identificar-se como indivíduo.

Este aspecto plural do adolescente, sua identidade e cultura sugere uma polifonia de discursos que caracterizam suas atitudes e preferências musicais. Apesar de existir uma cultura juvenil, outros elementos do meio são aderidos e assimilados, ficando difícil nomear um único modo de ser jovem. Para McCrary (1993, apud SCHÄFER, 2008), até a influência da cultura é relativa, pois o adolescente se apropria da música e cria sua própria subcultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fascinante o fato de que a música possa provocar o afloramento de tanta vida emocional, em tantas e diferentes culturas. Pode-se concluir que o fator emocional, ao transcender culturas, parece ser fundamental na existência humana e também para a existência da música. Se, da perspectiva puramente física, os sons podem significar uma coleção de sons, com duração e medida, ao penetrar na mente humana adquirem outro valor e se transformam em significações que fazem rir, chorar, gostar ou não, ser tocado ou ficar indiferente. (...) É isso que habilita o ser humano a se relacionar com a música de forma intensa, apesar da diversidade cultural de diferentes épocas. A música tem significado que pode ser influenciado por contextos sociais, mas opera também através das características biológicas e psicológicas dos seres humanos, campo no qual a atribuição de valor depende de uma percepção individual relacionada a aspectos cognitivos e emoções associadas às formas simbólicas da arte. (SANTOS, 2007, p.10)

Este estudo buscou investigar as preferências musicais de adolescentes em situação de conflito com a lei. Para tanto, foram estabelecidos, além do objetivo principal mencionado, objetivos específicos a fim de delimitar melhor o estudo. Foram estes: relacionar as preferências musicais deste grupo de adolescentes com o material já existente sobre preferências musicais e adolescentes; verificar as relações da música no cotidiano dos adolescentes estudados e a veracidade do estereótipo de fãs de rock e seus demais gêneros derivados.

Frente aos desafios que a pesquisa suscitou, a primeira parte deste estudo buscou levantar diferentes juízos da natureza do adolescente. Já neste ponto, observou-se que o entendimento da adolescência como etapa do desenvolvimento natural do ser humano não constitui uma unanimidade na comunidade científica.

A seguir, as relações existentes entre a música e o adolescente foram contempladas num segundo momento, priorizando suas preferências musicais. O levantamento realizado, novamente não se caracteriza por uma ubiquidade dos autores estudados.

Com este material teórico em mãos, a investigação no campo tornou-se uma oportunidade de extremo enriquecimento vivencial, uma vez que todos os diferentes discursos levantados possibilitaram um olhar mais distante de paradigmas enraizados. Acredito que apenas com a pesquisa de campo, um olhar sobre o real é possível e, a partir deste ponto, reflexões e intervenções no social se façam possíveis.

O levantamento das preferências musicais dos adolescentes em situação de conflito com a lei apresentou resultados semelhantes aos de pesquisas que

buscavam estabelecer relações com algum tipo de comportamento, assim como com as pesquisas que não objetivavam estas relações. Portanto, aproximar uma preferência musical de um tipo específico de comportamento não pode ser considerado uma relação verídica. Da mesma forma que uma verdade sobre a existência de um padrão de comportamento jovem não pode ser estabelecido, uma relação determinante sobre o comportamento e as preferências musicais de jovens, também não são possíveis.

A análise das afinidades da música no cotidiano dos jovens que participaram do estudo foi levantada sob duas perspectivas: horas do dia destinadas a escutar música e se acreditavam que a música influenciava as suas vidas. A música mostrou-se como uma atividade muito presente no cotidiano dos adolescentes estudados, assim como assinalam Santos (2007) e Pereira (2010). Além de preencher grande parte das horas dos seus dias, a música também foi apontada como uma influência para a vida da maioria. Todavia, esta influência não pode ser relacionada com a situação de conflito com a lei que os adolescentes do estudo se encontram. Mesmo pesquisadores que validam relação entre preferências musicais e comportamento delinquente não acreditam que música seja a causadora deste ou de qualquer comportamento (BAKER & BOR, 2008).

Quanto à questão dos estereótipos, acredito que esta represente um ponto delicado da pesquisa. Como Pereira (2002) nos alerta, em torno de um estereótipo, origina-se sempre preconceito e discriminação. Dentre os adolescentes estudados, que apresentavam a peculiaridade de estarem envolvidos em conflito com a lei, observou-se uma preferência por diversos gêneros musicais.

Entretanto, gêneros marginalizados socialmente como o Rap e o Funk estavam dentre os mais apreciados. Estes dados podem revelar uma confirmação de um estereótipo dos fãs destes gêneros, todavia, esta constatação estaria desprovida de qualquer tentativa de análise e interpretação do fenômeno. Muito mais que aproximações com os elementos estereotipados que ridicularizam os apreciadores de Rap e Funk, elementos sociais e culturais mostram-se evidentes para a compreensão destas preferências. Assim, uma investigação sobre as relações culturais com o meio social, bem como, as relações de produção e consumo a qual cada gênero musical é submetido poderia elucidar dados relevantes e significativos para uma análise mais subjetiva sobre preferências musicais.

O Rock, gênero em geral relacionado ao comportamento delinquente, não apareceu como uma das preferências, nem suas variantes como o Punk e o Heavy Metal. Acredito que, mais interessante que pensar nas relações entre comportamento delinquente e Rock, buscar entender como estes gêneros são singularizados em diferentes culturas, pode gerar estudos mais relevantes sobre a música e as inúmeras relações que estabelece na vida de todos nós.

Desta forma acredito que o presente estudo pode realizar uma contribuição para a pesquisa em Música, apontando para a importância da multiplicidade de áreas do conhecimento que estão envolvidas neste universo de conhecimento. O estudo de preferências musicais pode ser entendido tanto como uma área da Cognição Musical, como da Psicologia da Música ou da Educação Musical. Estudos destas três áreas de pesquisa foram analisados para compor este estudo e a necessidade de um olhar sobre a influência do meio sociocultural mostrou-se evidente em todos os materiais analisados, tanto nas pesquisas que verificam processos cognitivos e emocionais na apreciação de um gênero musical, como na escolha de repertório e nos estudos de música e personalidade.

Todavia, o estudo apresentou algumas limitações. A pesquisa foi realizada em uma unidade de detenção, exclusiva para adolescentes do sexo masculino, assim, dados de adolescentes do sexo feminino não foram contemplados. A investigação sobre a influência da música no cotidiano partiu de um questionário objetivo, o que não possibilitou uma análise mais subjetiva e qualitativa. O tema abordado nesta dissertação, portanto, é um campo vasto para pesquisa e merece ainda ser estudado em novas investigações, com base em diferentes metodologias, a fim de trazer dados complementares para desmitificar aproximações estereotipadas sobre preferências musicais, gênero e comportamento.

7. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal**. 10. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ADORNO, Sérgio. A violência na sociedade brasileira. Juventude e delinquência como problemas sociais. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. São Paulo, v.2, n.2, p. 1-11, jan/dez. 2010.

ALLEN, Mark. **Musical Identities: The Development of Musical Preferences in Childhood and Adolescence**. 2010. 40 f. Dissertação (Mestrado em Música e Tecnologia). University of Surrey. Surrey, 2010.

AMARAL, Luiza Real de Andrade. Das rodas às rádios: um estudo sobre o consumo do pagode no Brasil. **Revista Contemporanea**, Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Rio de Janeiro, ed. 10, v.6, n.1, jan/jun, 2008. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10/contemporanea_n10_luiza_real.pdf. Acesso em: 23/01/2013

ANDERSON, C. A., CARNAGEY, N. L. & EUBANKS, J. Exposure to violent media: The effects of songs with violent lyrics on aggressive thoughts and feelings. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington, v.84, n.5, p. 960-971, 2003

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARNETT, Jeffrey Jensen. **Metalheads: heavy metal music and adolescent alienation**. Boulder, Colorado: Westview Press, 1996.

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. A adolescência como ideal social. **IIº Simpósio Internacional do Adolescente**, 2005, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200008&lng=en&nrm=abn. Acesso em 27/11/2012.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa de Survey**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BAKER, Felicity & BOR, William. Can music preference indicate mental health status in young people? **Australasian Psychiatry**. v. 16, n. 4, p. 284-288, august, 2008.

BASTOS, G. de M. **Jovem Música Sertaneja**: A construção de marca dos artistas sertanejos contemporâneos. 2009. 58f. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda) Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 13ªed. São Paulo: Editora Brasiliense Coleção Primeiro Passos, 1997.

BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BOCK, A.M.B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.24, n.62, abr. 2004. Disponível em: < <http://www.bvs-psi.org.br/>> Acesso em: 23/04/2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Secretaria do Estado do desenvolvimento Social. Governo Federal do Brasil, Brasília, 1990.

_____. **Levantamento Nacional do Atendimento Sócio-educativo ao Adolescente em Conflito com a Lei**. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.mj.gov.br/sedh/spdca/levantamento_2008.pdf. Acesso em: 1 jul. 2010.

BROWN, E. F. & HENDEE, W. R. Adolescents and their music. **Journal of the American Medical Association**. v. 262, p.1659-1663, 1989

CALLIGARIS, Cotardo. **A adolescência**. São Paulo: PubliFolha, 2011.

CIRQUEIRA, Angela P. **Violência física intrafamiliar**: as percepções dos adolescentes do Programa Sentila de Itaboraí sobre a violência sofrida. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COLEMAN, J. & HENDRY, L. **Psicología de La adolescencia**. 4ªed. Madrid: Ediciones Morata, 2003.

COZBY, Paul C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**. 4. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232006000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31/10/2012.

DELSING, Marc J. M. H. et al. Adolescents' Music Preferences and Personality Characteristics. **European Journal of Personality**. v. 22, p. 109-130, 2008

DENT et al. Music Preference as a Diagnostic Indicator of Adolescent Drug Use. **American Journal of Public Health**. v. 82, n. 1, p. 124, january, 1992.

ERICKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GALLATIN, J.E. **Adolescência e individualidade**: uma abordagem conceitual da Psicologia da adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

GUMES,N.V.C. Música: Marcas Sonoras Juvenis. In: **XXVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

HARGREAVES, D. J., NORTH, A. C., & TARRANT, M. The development of musical preference and taste in childhood and adolescence. In: McPHERSON, G. (Ed.), **The child as musician**: Musical development from conception to adolescence, pp. 135-154. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Dos Gêneros musicais aos cenários musicais: uma viagem da Cidade de Deus à Lapa a partir das canções de MV Bill e Marcelo D2. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, set/2005

_____. , SILVEIRA, J.,LIMA, T., PIRES, V. **Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet**. – Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

JUNQUEIRA, M.R. & JACOBI, M. O olhar dos adolescentes em conflito com a lei sobre o contexto social. **Revista Virtual Textos & Contextos**, Nº 6, ano V, dez. 2006.

KITAJIMA, Isabela Y. R. **A influência das gerações na formação da preferência**: um estudo aplicado a música popular. 2004. 78 f. Dissertação (Mestrado em

Administração de Empresas) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2004.

LEITE LOPES, P.A. **Esse povo de preto**: o heavy metal e a estética de uma outra "negritude". Porto Alegre, 2007. Disponível em www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=comdocman&task=docview&gid=120 Acesso em 23 de janeiro de 2013.

LEVITIN, Daniel. **A música no seu cérebro**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

LUZES, C.A. **Um olhar psicológico sobre a delinquência**. Lisboa, 2010. Disponível em: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0520&area=d12&subarea=. Acesso em: 31/10/2012

MACEDO, Mônica M. K. (org). **Adolescência e Psicanálise**: intersecções possíveis. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MAIA, M. & CAPDEVILLE, P. O Reggae de raízes Brasileiras. **Revista eclética**. Departamento de Comunicação Social PUCRJ. 2008. N, 26. jan/jun 2008. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/5%20-%20o%20reggae%20de%20raizes%20brasileiras.pdf>. Acesso em 23/01/2013

McNAMARA, Linda, BALLARD, Mary. E. Resting arousal, sensation seeking, and music preference. **Genetic, Social, and General Psychology Monographs**, v.125, n.3, p. 229-250. 1999.

METAL: a headbanger's journey. Direção e produção: Sam Dunn. Toronto: Banger Films, 2005. DVD (96min): son., color.

MULLER, Francine et al. Perspectivas de adolescentes em conflito com a lei sobre o delito, a medida de internação e as expectativas futuras. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. São Paulo, v.1, n.1, p. 70-87, jan/dez. 2009.

NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: Jogos de Espelhos. **Sociologia Especial: Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Escala, Ano 1, n. 2. 2007.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: M. I. M. Almeida, F. Eugenio (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006, p. 105 – 120.

OLIVA, A. Desenvolvimento da personalidade durante a adolescência. In: COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. v.1.

OSBOURNE, Ozzy. **Blizzard of Ozz**. Epic Records, 39:19. Compact Disc, 1920

PALACIOS, J. & OLIVA, A. A adolescência e seu significado evolutivo. In: COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. v.1.

PAPALIA, Diane E., OLDS, Sally W. **Desenvolvimento Humano**. 7. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PELAEZ, Neyde Carstens Martins. **“A música do nosso tempo”**: Etnografia de um universo musical de adolescentes. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

PENNA, Maura. **Música(s) e seus ensin**os. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: E.P.U., 2002.

PEREIRA, Priscila. **A utilização de tocadores portáteis de música e sua consequência para a escuta musical de adolescentes**. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

PIMENTEL, Carlos E. **Valores Humanos, Preferência Musical, Identificação Grupal e Comportamento Anti-Social**. 2004. 199f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

_____. DONNELLY, Edla C. D. P. A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. **Psicologia, Ciência e Profissão**. São Paulo, v. 28, n. 4, p. 696-713, 2008.

_____, GOUVEIA, Valdiney V. & VASCONCELOS, Tatiana C. Preferência musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. In: **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 22, n. 4, p. 403-413, out/dez. 2005.

_____. & GUNTHER, Hartmut. Percepção de letras de músicas como inspiradoras de comportamentos antissociais e pró-sociais. **Psico**. Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 3, pp. 373-381, jul./set. 2009.

PINTO, Mércia. Rap: gênero popular da pós-modernidade. In: **Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular**. 2004, Rio de Janeiro.

Disponível em: www.hist.puc.cl/historia/iaspm/iaspm.html. Acesso em 23/01/2013.

QUIRÓS, I. Megías & JULIAN, E. Rodríguez San. **Jóvenes entre sonidos** : hábitos, gustos y referentes musicales Madrid : FAD : INJUVE, 2003

REFOSCO, L. L., TOMASI, L.O., SILVA, C.M., FIN, J. N. & MACEDO, M.M.K. Adolescência e lei: conflitivas singulares. In: MACEDO, M.M.K., WERLANG, B.S.G. (orgs). **Psicanálise & Universidade**: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

RENTFROW, Peter.J. & GOSLING, Sam .D. The do re mi's of everyday life: The structure and personality correlates of music preference. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, n. 6, p. 226 – 236, 2003

_____. Message in a ballad: The role of music preferences in interpersonal perception. **Psychological Science**, v. 17, n. 3,p. 236-242. 2006

_____. The content and validity of stereotypes about fans of 14 music genres. **Psychology of Music**, v. 35, n. 2, p. 306-326, 2007.

_____. You are what you listen to: Young people's stereotypes about music fans. In: **Group Proceses & Intergroup Relations**. v. 12, n. 3, p. 329 – 344. 2009.

ROBERTS, Donald. F., CHRISTENSON, Peter.G. & GENTILE, Douglas. A. The Effects of Violent Music on Children and Adolescents. In: GENTILE, D.A. **Media violence and children**: A Complete Guide for Parents and Professionals. Westport, CT: Praeger, 2003.

SÁ, Simone Pereira de. Funk Carioca: música eletrônica popular brasileira!? In: XVI COMPOS:GT - Mídia e Entretenimento. Curitiba, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_258.pdf. Acesso em 23/01/2013

SANTOS, Cleonice dos. **Preferências Musicais de alunos de 5ª a 8ª série da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: “Significados da Escuta”**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SARAIVA, João Batista Costa. A Medida Socioeducativa e a visão sócio-assistencial: os riscos da revivência da doutrina da situação irregular sob um novo rótulo. In: **Documentos/Artigos FASE**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: http://www.fase.rs.gov.br/portal/index.php?menu=biblioteca_viz&cod_biblioteca=16&cat=Artigos. Acesso em: 20/10/2012

SELFHOUT, Maarten. **Me, Myself, and You: Friendships in Adolescence. 2009. 351 f. Tese. (Doutorado em Psicologia)**. Universiteit Utrecht, Hengelo, 2009. Disponível em: <http://igitur-archive.library.uu.nl/dissertations/2009-0826-200133/selfhout.pdf> Acesso em: 20/10/2012

SCHÄFER, T. **Determinants of Music Preference**. Dissertação de Mestrado. Technischen Universität Chemnitz. Chemnitz, 2008. Disponível em: <http://www.qucosa.de/fileadmin/data/qucosa/documents/5749/data/DissertationThomasSchaefer.pdf>. Acesso em: 20/10/2012.

_____. & SEDLMEIER, P. What makes us like music? **ESCOM 2009** - 7th Triennial Conference of European Society for the Cognitive Sciences of Music. Jyväskylä, Finland, 2009. Disponível em: https://jyx.jyu.fi/dspace/bitstream/handle/123456789/20918/urn_nbn_fi_jyu-2009411319.pdf?sequence=1.

SILVA, S. **Delinquência Juvenil**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <http://www4.fs.uc.pt/fontes/artigos/2003012.pdf> Acesso: 31/10/ 2012

SILVA, Vinícius G. B. & SOARES, Cássia B. As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. v.9, n. 4, p. 975-985. 2004.

TEIXEIRA, M.L.T. Juventude, exclusão e processos educativos. In: AZZI, R.G. & GIANFALDONI, M. H. T. A. (orgs). **Psicologia e Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, v.1.

VOLPI, M. **Adolescente e ato infracional**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Sem liberdade, sem direitos: a experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Adolescentes privados de liberdade.** A normativa internacional e reflexões acerca da responsabilidade penal (4ª ed.). São Paulo: Cortez, 2008.

WALSER, Robert. **Running with the devil:** Power, gender and madness in heavy metal music. Middletown: Wesleyan University Press, 1993.

ZAN, J. R. (Des)territorialização e novos hibridismos na música sertaneja. **Revista Sonora**, 2008. Disponível em: <http://www.univerciencia.org/index.php/browse/index/64>; Acesso em: 20/01/2013

ZAPPE, J. G. & DIAS, A. C. G. **Delinquência juvenil na produção científica nacional:** distâncias entre achados científicos e intervenções concretas. *Barbarói: UNISC*, v.33, p. 82-103, 2010.

APÊNDICE 1

06. **MPB** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Chico Buarque, Elis Regina, Caetano)

07. **Punk/Hard Core** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Ramones, NOFX, Dead Kennedys, Circle Jerks, Pennywise)

08. **Funk Carioca** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Bonde do Tigrão, Furacão 2000, Serginho, As Preparadas)

09. **Forró** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Mastruz com Leite, Limão com Mel, Calcinha Preta, Aveloz)

10. **Samba** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Martinho da Vila, Alcione, Zeca Pagodinho, Leci Brandão)

11. **Música Clássica** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Beethoven, Mozart, Bach, Wagner, Chopin, Vivaldi)

12. **Música Religiosa** 1 2 3 4 5 ?

(ex.: Padre Marcelo, Aline Barros, Melissa, Kléber Lucas)

Você gosta de outros gêneros musicais que não foram citados neste questionário?

Sim

Não

Quais? _____

Qual o seu gênero musical preferido?

Quantas horas você escuta de música por dia?

Você considera que a música influencia a sua vida?

Sim

Não

Sexo: _____ **Idade:** _____

Escolaridade: _____

ANEXO 1



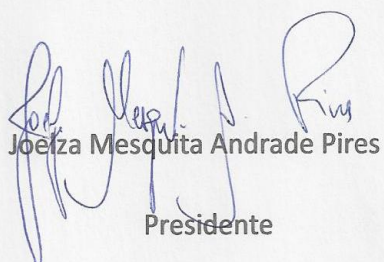
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA JUSTIÇA
E DOS DIREITOS HUMANOS
FUNDAÇÃO DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO



AUTORIZAÇÃO

A Presidência da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS) declara conhecer o teor do projeto de pesquisa **“Música e adolescência: um estudo sobre as preferências musicais de adolescentes privados de liberdade”**, de Felipe Figueras Dable, estudante do Mestrado em Música da UFPR, e autoriza sua realização de acordo com a proposta apresentada.

Porto Alegre, 6 de outubro de 2011


Joêza Mesquita Andrade Pires
Presidente



SECRETARIA DA JUSTIÇA E DOS DIREITOS HUMANOS
FUNDAÇÃO DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO DO RIO GRANDE DO SUL

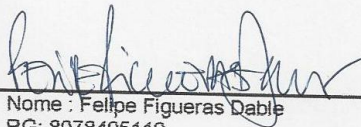
Termo de Compromisso

Eu, Felipe Figueras Dabie, Mestrando em Música pela UFPR, no decurso das atividades a serem desenvolvidas junto à FASE no desenvolvimento da pesquisa " Música e adolescência: um estudo sobre as preferências musicais de adolescentes privados de liberdade", em conformidade com os preceitos do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei Federal 8069/1990), **comprometo-me:**

- a não divulgar, sob nenhuma hipótese, **qualquer espécie de dado** que possa permitir a **identificação pessoal** dos adolescentes da referida Fundação;
- a não interferir na continuidade dos serviços prestados pela FASE-RS durante a realização da pesquisa;
- a dar retorno à FASE-RS dos resultados obtidos com o trabalho desenvolvido, através da entrega de material impresso à Assessoria de Informação e Gestão da FASE-RS (monografia, dissertação, tese, relatório);

Igualmente, declaro estar ciente e ser de minha inteira responsabilidade os prejuízos, riscos e danos de toda ordem sofridos dentro das unidades da FASE-RS, que advenham de eventos imprevistos, bem como de que a atividade ou pesquisa poderá ser suspensa a qualquer tempo por *necessidade da administração da FASE-RS, por não estarem sendo observadas as cláusulas previstas neste Termo de Compromisso ou em caso das atividades estarem em desacordo com a proposta apresentada.*

Porto Alegre, 20 de outubro de 2011



Nome : Felipe Figueras Dabie
RG: 8078495119
